

CADERNOS FÉ & POLÍTICA



O Resgate da dignidade da Terra
A Terra como a nova centralidade

Leonardo Boff

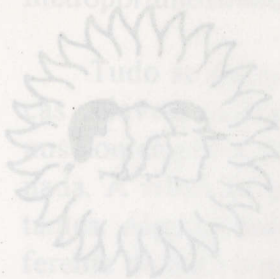
Crônica: A Gaia Sensibilidade

Maurício Abdalla Guerrieri

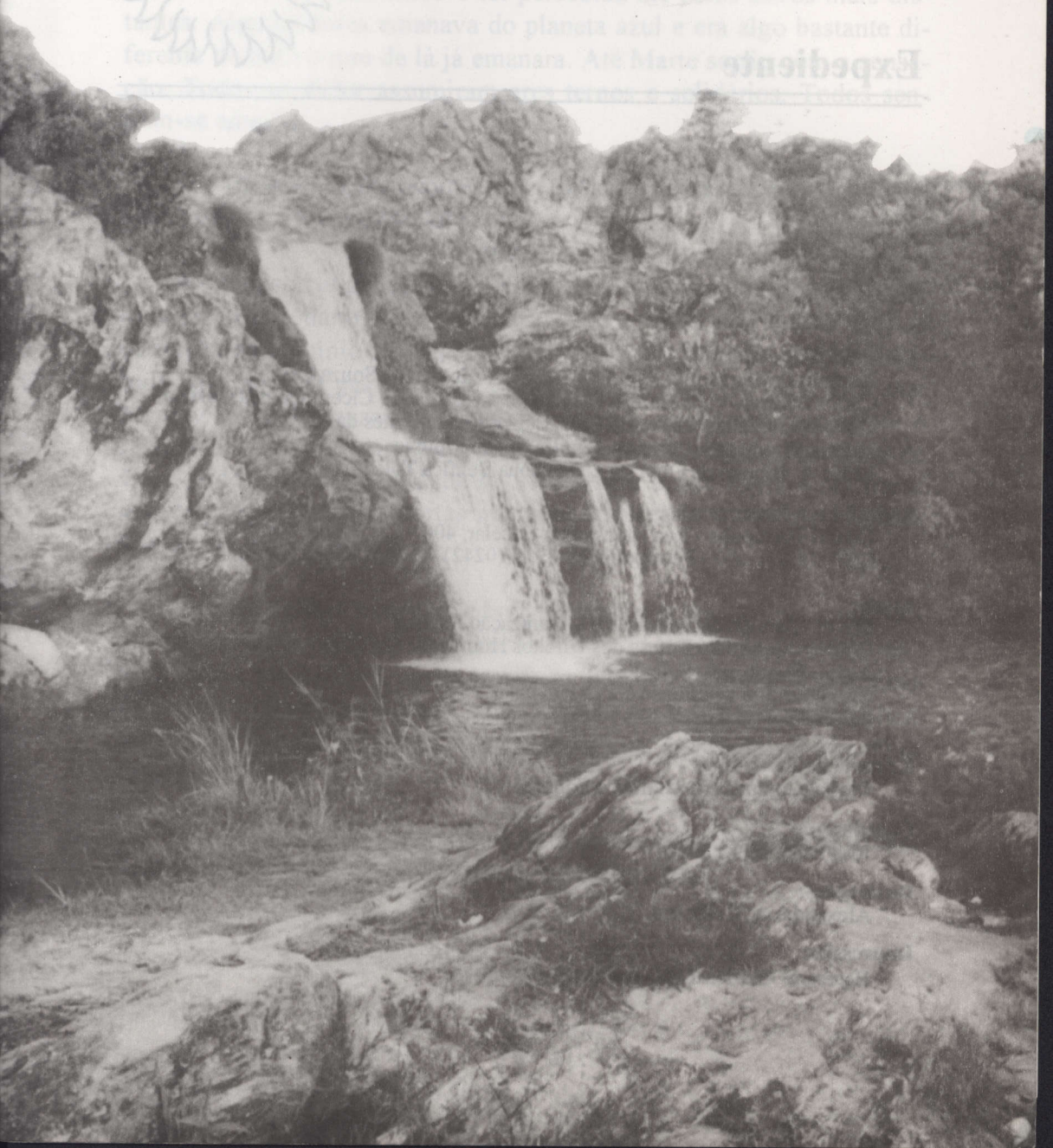
Nº 14

“Enquanto Movimento Fé e Política, o que fazem os seus membros é encontrar-se, refletir, orar e autoformar-se. A ação que desenvolvem em movimentos sociais, partidos, etc... é em caráter estritamente pessoal e sem nenhuma responsabilidade do Movimento Fé e Política ou vínculo orgânico com ele”.

seijos a quem desce a cápsula? Perdido, sentava, recolher-me-ei ao meu próprio cubículo.



Tudo... que havia refletido muito sobre as pou-
ças... não acometida por uma leve vibração. Vê-
... piedosos, mas sem entender absolutamente
... e foi percebida até pelos seres mais dis-
... e sua tarefa de planejar a vida e era algo bastante di-
... de lá já emanava. Até Maria...
Expediente





Expediente

Publicação do movimento Fé & Política

Redatores:

Pedro A. Ribeiro de Oliveira e Leonardo Boff

Secretária de Redação:

Maristela B. C. de Mello

Conselho Editorial:

Antônio Carlos Moura, Frei Betto, Carlos Eduardo de Souza Leite,
Carlos Salzano V. da Cunha, Cláudio H. Vereza Lodi, Cícero Gomes Correia,
Gilberto Carvalho, Leonardo Boff, Luiz Eduardo Prates da Silva,
Márcia M. Miranda, Marcos Arruda, Nilson Mourão,
Pedro A. Ribeiro de Oliveira e Teresinha Benfica Toledo.

Redação e Administração:

CDDH/Petrópolis - Rua Monsenhor Bacelar, 400 - Cx. Postal: 90.581
CEP: 25.621-970 - Petrópolis/RJ - Tel.: (0242) 42-2462 - Fax: (0242) 43-0772

Apoio:

SEOP - Serviço de Educação e Organização Popular
CDDH - Centro de Defesa dos Direitos Humanos
Ação - Quaresmal (Suíça)
Evangelisches Missionswerk (Alemanha)
Solidaridad (Holanda)

Editoração Eletrônica:

Digital Composição Gráfica e Editora

Copidesque:

José Américo L. Júnior

Ilustrações:

Alexandre A. C. Rivero

Impressão:

Reproarte Gráfica Ltda, em janeiro de 1996



Editorial

No dia 14 de novembro último, o Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (UNEP) lançou o estudo intitulado Global biodiversity assessment, que contou com a participação de quase 1500 cientistas de vários países. O lançamento ocorreu durante a Assembléia Geral da Segunda Conferência das Partes do Convênio das Nações Unidas sobre a Diversidade Biológica, em Jacarta, Indonésia.

O documento chama a atenção para questões vitais da vida em nosso planeta: 9.400 espécies animais e vegetais estão em risco de extinção; o número de espécies que desapareceram nos últimos 185 anos é três vezes maior que o número de desaparecimentos entre 1600 e 1810; que há várias espécies que estão perdendo sua variabilidade genética devido à extinção de vastas populações; que o desmatamento na floresta amazônica para a formação de pastos e outros plantios resultou numa queda de 25% das chuvas na região, levando a um aumento no nível de dióxido de carbono na atmosfera; enfim, que a diversidade biológica se encontra seriamente ameaçada. Isto, é claro, são dados referentes apenas às espécies conhecidas até hoje, ou seja,

cerca de 13% dos 13 a 14 milhões de espécies que se calcula existirem no planeta azul.

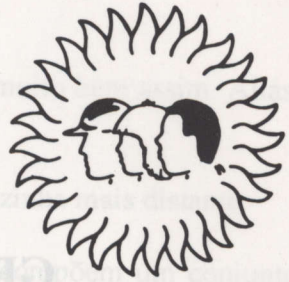
Esta situação, aliada à condição de pobreza e miséria em que se encontram dois terços da humanidade, por si só denuncia o grave equívoco do paradigma científico-tecnológico montado sobre os alicerces da racionalidade mecânico-funcional-positivista da modernidade e o seu correlato modelo de desenvolvimento extremamente devorador da natureza e explorador do trabalho humano. Não há meio ambiente que resista a tanto! E o planeta, há alguns anos, já vem dando sinais claros de que não é mais possível continuar na lógica do "penso, logo existo" traduzida na prática pelo "conquisto, logo existo" e levando as pessoas à mentalidade absurda do "consumo, logo existo".

Se quisermos continuar vivos no planeta, nós e milhares de outras espécies que ruião conosco, teremos, nós os humanos, que fazer viradas fundamentais em nosso modo de nos relacionarmos com tudo o que há. Transformar relações econômicas, relações políticas, relações étnicas, relações entre gêneros, relações pessoais, relações intrapessoais, relações com o Absoluto (o sagrado) e outras mais onde nos descobriremos tendo atitudes senhoriais. Transformar em relações fraternais e sororais.

Mas deixemos que o leitor mesmo faça seu mergulho em todas estas questões atualíssimas levantadas pelo pertinente texto "O resgate da dignidade da Terra", de Leonardo Boff. E, após a leitura densa, poderá delectar-se com a leveza da Crônica "A Gaia sensibilidade", de Maurício Abdalla. Com estes textos, encerramos o nosso Caderno 14, que, mais fino em número de páginas, se apresenta como um dos mais densos em conteúdo.

Que a sua leitura, caro leitor, traga a inspiração para a tomada de novas atitudes dentro do nó de relações no qual estamos imbricados pessoal e coletivamente. E que reforce sua esperança de conseguirmos, como espécie, a re-ligação com Gaia.

O Editor



Sumário

Expediente, 2

Editorial, 3

- *Poesia: Grito das Águas / J. Thomaz Filho, 6*

Reflexões de Fé & Política

- *O Resgate da dignidade da Terra
A Terra como a nova centralidade / Leonardo Boff, 7*

Crônica

- *A Gaia Sensibilidade / Maurício Abdalla Guerrieri, 43*



GRITO DAS ÁGUAS

J. Thomaz Filho

*Não é por acaso que vês o teu rosto
num tom cristalino bem perto da fonte.
Serpeio entre as pedras num doce murmúrio,
feliz de poder refrescar tua frente.*

*Quisera manter-me qual fui de princípio:
meu leito inteirinho a serviço da vida,
sem esse desgosto que enfeia o meu curso,
que mata o que tem e o porvir desconvida.*

*Não é por acaso que tens na saudade
imagem serena de cantos e risos.
Por mim não desisto da minha clareza.
Que me ouçam a voz mais repleta de avisos!*

*Eu quero banhar-te bem mais que a esperança.
Refaz os processos que trazem conforto,
pergunta ao futuro que preço ele paga,
devolve-me a luz que eu te ancore em meu porto.*



Reflexões de Fé & Política

O RESGATE DA DIGNIDADE DA TERRA

A TERRA COMO A NOVA CENTRALIDADE

Leonardo Boff*

Com a era ecológica, atravessamos os umbrais de uma nova civilização. Ela só será consolidada se transformações fundamentais ocorrerem nas mentes das pessoas e nos padrões de relação para com o inteiro universo. Para um novo paradigma, pede-se uma nova linguagem, um novo imaginário, uma nova política, uma nova pedagogia, uma nova ética, uma nova descoberta do sagrado e um novo processo de individuação (espiritualidade). Queremos apontar alguns pontos imprescindíveis que concretizam esta transformação. Eles podem significar a cura da Terra e a recuperação de sua dignidade violada. São os caminhos que as pessoas hoje são convidadas e urgidas a percorrer.

1. O resgate do sagrado

Uma dimensão *sine qua non* para inaugurar uma nova aliança para

* Teólogo da Libertação, professor de Ética na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

com a Terra reside no resgate da dimensão do sagrado. Sem o sagrado a afirmação da *dignitas terrae* e do limite a ser imposto ao nosso desejo de exploração de suas potencialidades permanece uma retórica sem efeito. O sagrado constitui uma experiência fundadora. É ele que subjaz às grandes experiências sobre as quais se construíram as culturas no passado e a própria identidade profunda do ser humano.

Todos os estudiosos do sagrado revelam um dado de consenso: sempre o sagrado possui uma ligação essencial com o cosmos. É ali o seu lugar de nascimento. O universo se transforma num sacramento, num espaço e num tempo de manifestação da energia que pervade todos os seres, na oportunidade da revelação do mistério que habita a totalidade de todas as coisas.

Se nos últimos séculos fomos vítimas de uma modelo de civilização que implicou sistematicamente a agressão à Terra, que o levou a fechar os ouvidos à musicalidade dos seres e a voltar as costas para a grandeza do céu estrelado, foi porque se perdeu a experiência do sagrado do universo. Ele está refém da vasta profanidade que perdeu a consciência de sua origem, exatamente, no sagrado. Por isso falamos da necessidade de um verdadeiro resgate do sagrado. A profanidade reduziu o universo a uma realidade inerte, mecânica e matemática e a Terra a um simples repositório de recursos entregues à disponibilidade humana. Tirou-se a palavra de todas as coisas, para que somente a palavra humana imperasse. Se não conseguirmos refazer o caminho de acesso ao sagrado, não garantiremos o futuro da Terra. A ecologia se transformará numa técnica de simples gerenciamento da voracidade humana mas jamais em sua superação. A pretendida nova aliança significará apenas uma trégua para que a Terra se refaça das chagas recebidas para logo em seguida receber outras, porque o padrão das relações não mudou nem se transformou a mente humana. O primeiro passo a ser dado é, portanto, a recuperação da dimensão do sagrado da Terra, do reencantamento e da veneração do universo. Tal foi espontaneamente expresso pelo astronauta norte-americano Edgar D. Mitchell em 1971 sobre a Apolo 14 a caminho da lua, que exclamava boquiaberto: "daqui a milhares de milhas de distância, a Terra mostra a incrível beleza de uma jóia esplêndida de cor azul-branca, flutuando no vasto céu escuro... Ela cabe na palma de minha mão". (Outer Space to Inner Space: An Astronaut's Odyssey, em Saturday Review, February 22, 1975, 20).

Que é o sagrado? Ele não é uma coisa. É uma qualidade das coisas. É aquela qualidade das coisas e nas coisas que de forma compreensiva nos toma totalmente, nos fascina, nos fala no profundo de nosso ser e nos dá a experiência imediata de respeito, de temor e de veneração. Santo Agostinho descreveu a emergência do sagrado melhor que qualquer outro fenomenólogo da religião ao se perguntar em suas Confissões: "Que é aquilo que transparece em mim e que sem lesão fere meu coração e que me produz repulsa e atração? Sinto repulsa enquanto me percebo diferente dele e atração enquanto me percebo semelhante a ele? ("quid est illud quod interlucet mihi, et percutit cor meum sine lesione; et inhorresco, et inardesco? Inhorresco in quantum dissimilis ei sum; inardesco in quantum similis ei sum". Migne, PL 32,813). Era o sagrado. Rudolf Otto, um clássico estudioso do fenômeno, descreve em duas palavras-chave a experiência do sagrado: ele produz o *tremendum* e o *fascinosum*. É o *tremendum*, vale dizer, aquilo que nos faz tremer por sua magnitude e pelo desbordamento de nossa capacidade de suportar a sua presença, presença que nos faz fugir devido a sua arrasadora intensidade. E ao mesmo tempo, é o *fascinosum*, vale dizer, aquilo que nos fascina, nos arrasta como um ímã irremovível, que nos faz experimentar o que nos concerne absolutamente. O sagrado é como o sol: sua luz nos arrebata e nos enche de entusiasmo (*fascinosum*). E ao mesmo tempo nos obriga a desviar o olhar e a fugir ao abrigo de uma sombra porque pode nos cegar e queimar (*tremendum*).

É essa experiência ambivalente que os seres humanos originários fizeram em contato com a vida, com a Terra e com o cosmos, com as pessoas, com a criança, com a atração amorosa entre um homem e uma mulher e com o mistério do universo. Sentiram comunicar-se nestas realidades uma força irrefragável, expressa classicamente pelos pesquisadores com a palavra melanésia de *mana* ou das religiões afro-americanas de *axé*. Potencialmente todas as coisas são portadores de *mana* ou de *axé*, de grande energia transformadora. Elas são por excelência a revelação do sagrado.

Na verdade, são apenas sacramentos, veículos e sinais da Realidade Última, da Divindade, do Criador que está dentro e para além do próprio cosmos, da Terra e da vida. Mas por tais realidades anuncia sua epifania e diafania.

Os povos originários captavam por um singular instinto aquilo que nós captamos empiricamente com os recursos da ciência e da reflexão: a energia cósmica (mana/axé, campos energéticos) que tudo re-liga, a presença de princípios ordenadores do universo e a atuação da seta do tempo que aponta sempre para frente e para cima. E o captamos por uma ciência que tem consciência e por uma objetividade que apresenta também subjetividade. Resgatamos o sagrado da Terra como um todo, recuperamos a dignidade da Terra.

Hoje deixamos irromper o sagrado se nos apropriarmos dos conteúdos que compõem nossa cosmologia e os transformarmos em emoção e experiência. Não basta termos conhecimentos sobre o mundo e o universo. Deles, os livros e a multimídia estão cheios. O que precisamos é uma comoção e uma experiência fontal. Precisamos inserirmo-nos nestes conhecimentos sobre o cosmos, a Terra e a natureza porque são conhecimentos sobre nós mesmos, sobre nossa ancestralidade e sobre a nossa realidade mais profunda. São tais comoções que modificam nossas vidas. Elas fundam as experiências seminais que alimentam as demais experiências do cotidiano.

Como não se extasiar diante da imensidão de energia ejetada na singularidade do big-bang, na formação das primeiras unidades relacionais, do topquark, dos prótons, dos elétrons, dos neutrinos, dos primeiros átomos, na constituição das nuvens de gases que originaram a primeira geração de estrelas de tamanhos fenomenais, agrupadas em galáxias e em conglomerados de galáxias? Elas arderam por milhões e milhões de anos, formando dentro de si os 100 elementos que constituem os tijolos do universo até explodirem em super novas, formando as bilhões e bilhões de estrelas de segunda geração como o nosso sol! Se elas não se tivessem sacrificado e entregue sua riqueza acumulada internamente, não teríamos o sistema solar, não haveria o planeta Terra e nós não estaríamos aqui para refletir e celebrar tudo isso. É o fascinsum.

Que existe de mais tremendo e misterioso do que a massiva destruição da matéria inicial pela anti-matéria sobrando apenas uma bilionéssima parte, da qual se origina todo o universo e nós mesmos? Aqui o tremendum se associa ao fascinsum.

Quem pode subtrair-se à experiência do tremendum ao dar-se conta das colisões fantásticas de galáxias e conglomerados de galáxias com a miríade de suas estrelas? O estrondo, o jogo de raios e relâmpagos, a espantosa produção de energia, a fusão das massas, a ejeção de matéria em todas as direções, a produção de luz (photons) com tanta intensidade que chamaria a atenção a qualquer eventual observador mesmo desatento no ponto mais distante do universo?

Não é simultaneamente fascinatum e tremendum o surgimento há 3,9 bilhões de anos atrás da célula Promethio que inventou a fotossíntese e assim, com a utilização da luz solar, aproveitou o carbono e liberou oxigênio, terrivelmente tóxico para ela? E o fato de outro organismo, há 2 bilhões de anos passados, denominado Prospero, aprendesse a lidar com o oxigênio e o fizesse princípio de nova vida ao invés de morte?

Não é fascinante a auto-organização do universo, um dinamismo intrínseco que se manifesta pelas conhecidas quatro interações básicas que ninguém sabe definir (que é a gravidade, a energia eletromagnética e nuclear forte e fraca)? Não é tremendum o fato de tudo provir de um imenso caos (big-bang) e o fato da violência em todos os níveis do universo? Não é fascinatum o fato de que desse caos primordial e dessa violência provenham novas ordens de seres e complexidades cada vez mais elaboradas, a própria vida e a consciência humana?

Não é fascinatum o equilíbrio de todos os elementos, originando uma situação ótima para a vida que encontramos em Gaia, na atmosfera, nos solos, nos mares, na biosfera e na noosfera? Não é tremendum as várias dizimações que Gaia sofreu, perdendo quase toda sua herança genética? Como não é fascinatum sua capacidade de regeneração e de suportabilidade da agressão por parte da espécie homo sapiens/demens?

Não é o fascinatum se mostrando na criatividade do ser humano, na pluralidade de suas manifestações culturais, nos sonhos que projeta, nas realizações históricas que acumula e na capacidade de decifrar a Realidade que tudo suporta, tudo anima, tudo atrai, Deus?

Não é expressão do tremendum a capacidade de destruição, de geo-

cídio, ecocídio, etnocídio, homicídio e suicídio do ser humano? Ele é o único ser capaz de ficar louco e de perder o bom sentido dos animais e das plantas. Não é isso tremendum?

Todas estas experiências nos colocam diante de uma realidade que nos desborda, que se deixa conhecer mas também que se subtrai a qualquer racionalidade e manipulação. É o sagrado que merece respeito, cuidado e também veneração. É a realidade do mistério fontal que perpassa todas as coisas e o inteiro universo. A melhor forma de abordá-lo é entrar em sua lógica que é dialógica que inclui o contrário e o faz complementar, aceitar o seu ritmo e sentir-se parte e parcela dele. Só nos integramos e nos sentimos em casa quando nos associamos a essa sinfonia e dissonância, quando compreendemos que o bumbo convive com o violino, quando usamos nossa criatividade para agirmos com a natureza e nunca contra ela ou à revelia dela.

Esse sagrado assumido nos faz voltar de nosso exílio e despertar de nossa alienação. Reintroduz-nos na casa que havíamos abandonado. E começamos a tratar a Terra, cada coisa dentro dela e o inteiro universo como tratamos nosso corpo, cada órgão nosso, cada emoção de nossa alma e cada pensamento de nossa mente. Somente uma relação pessoal com a Terra nos faz amá-la. E a quem amamos também não exploramos mas respeitamos e veneramos. Agora poderá começar uma nova era não de trégua, mas de paz e de verdadeira re-ligação.

2. Uma pedagogia para a globalização

Não basta termos uma nova cosmologia. Como socializá-la e internalizá-la nas pessoas de forma que inspirem novos comportamentos, alimentem novos sonhos e reforcem uma nova benevolência para com a Terra? Trata-se indiscutivelmente de um desafio pedagógico.

Como o velho paradigma que atomizava, contrapunha e isolava o ser humano do universo e da comunidade dos vivos penetrara por todos os poros em nossa vida e criara uma subjetividade coletiva adequada a suas intuições, assim o novo paradigma deve também formar novas sub-

jetividades e se introduzir em todas as instâncias da existência, da sociedade, da família, dos meios de comunicação e das instituições educativas para gestar um novo homem e uma nova mulher planetários, solidários cosmicamente e sintonizados com a direção global do processo evolucionário.

a) Nós somos a Terra que pensa e ama

Em *primeiro lugar*, importa fazer a grande revolução de perspectiva que funda a nova cosmologia: não podemos nos entender como seres separados da Terra; nem podemos permanecer na visão clássica que entende a Terra como um planeta inerte, um amontoado de solo e de água penetrados pelos 100 elementos que compõem todos os seres. Nós somos muito mais que isso. Somos filhos e filhas da Terra, somos a própria Terra que se torna auto-consciente, a Terra que caminha, como dizia o grande poeta mestiço argentino Atahualpa Yupanqui, a Terra que pensa, a Terra que ama e a Terra que celebra o mistério do universo.

Portanto, a Terra não é um planeta sobre o qual existe vida. Como muitos cosmólogos hoje afirmam, a Terra se apresenta com tal dosagem de elementos, de temperatura, de composição química da atmosfera e do mar que somente um organismo vivo pode fazer o que ela faz. A Terra não contém vida. Ela é vida, um super-organismo vivente, Gaia.

A espécie humana representa a capacidade de Gaia de ter um pensamento reflexo, uma consciência sintetizadora e uma subjetividade amorosa. Nós humanos, homens e mulheres, possibilitamos à Terra apreciar a sua luxuriante beleza, contemplar a sua intrincada complexidade e descobrir espiritualmente o mistério que a penetra.

O que os seres humanos são em relação à Terra é a Terra em relação ao cosmos por nós conhecido. O cosmos não é um objeto sobre o qual descobrimos a vida. O cosmos é um sujeito vivente. E se encontra num processo de gênese. Caminhou 15 bilhões de anos, se enovelou sobre si mesmo e maturou de tal forma que num canto dele, na Via Láctea, no sistema solar, no planeta Terra, emergiu a consciência reflexa de si mesmo, de donde veio, para onde vai e de quem é símbolo e imagem. Quando um eco-agrônomo es-

tuda a composição química de um solo, é o próprio cosmos que estuda a si mesmo. Quando um astrônomo dirige o telescópio para as estrelas, é o próprio universo que olha para si mesmo.

A mudança que esta leitura deve produzir nas mentalidades e nas instituições só é comparável com aquela que se realizou no século XVI ao se comprovar que a Terra era redonda e girava ao redor do sol. Especialmente o fato da transformação, de que as coisas ainda não estão prontas, que estão continuamente nascendo, abertas a novas formas de auto-realização. Conseqüentemente, a verdade se dá numa referência aberta e não num código fechado e estabelecido. Só está na verdade quem caminha com o processo de manifestação da verdade.

b) Cada um de nós tem a idade do universo

Em *segundo lugar*, importa realizar a globalização do tempo. Nós não temos a idade que se conta a partir do dia do nosso nascimento. Nós temos a idade do cosmos. Começamos a nascer há quinze bilhões de anos quando principiaram a se organizar todas aquelas energias e materiais que entram na constituição de nosso corpo e de nossa psiqué. Quando isso madurou, então acabamos de nascer e nascemos abertos a outros aperfeiçoamentos futuros.

Se sintetizarmos o relógio cósmico de 15 bilhões de anos no espaço de um ano solar, como o fez ingeniosamente Carl Sagan (cf. *The Dragons of Eden: Speculations on the Evolution of Human Intelligence*, Random House, N. York 1977, 14-16) e querendo apenas realçar algumas datas que nos interessam, teríamos o seguinte quadro:

A primeiro de janeiro, ocorreu o big bang. A primeiro de maio, o surgimento da Via-Láctea. A nove de setembro, a origem do sistema solar. A 14 de setembro, a formação da Terra. A 25 de setembro, a origem da vida. A 30 de dezembro, o aparecimento dos primeiros hominídeos, avós ancestrais dos humanos. A 31 de dezembro, irromperam os primeiros homens e mulheres. Os últimos 10 segundos de 31 de dezembro cobririam a história do homo sapiens/demens do qual descendemos diretamente. O nascimento de Cristo ter-se-ia dado precisamente às 23 horas 59

minutos e 56 segundos do último dia do ano. O mundo moderno teria surgido no 58º segundo do último minuto do ano. E nós individualmente? Na última fração de segundo antes de completar meia-noite.

Em outras palavras, somente há 24 horas que o universo e a Terra têm consciência reflexa de si mesmos. Se Deus dissesse a um anjo: "procure no espaço e identifique no tempo a Pedro, ou a João ou a Maria", certamente não o conseguiria porque eles são menos que um pó de areia vagando no vácuo interestelar e começaram a existir a menos de um segundo atrás. Mas Deus sim, porque Ele escuta o coração de cada filho e filha seus, porque neles o universo converge em autoconsciência, em amorização e celebração. Sem arrogância antropocêntrica, cada ser humano é um milagre do universo.

Uma pedagogia adequada à nova cosmologia nos deveria introduzir nestas dimensões que nos evocam o sagrado do universo e o maravilhoso de nossa própria existência.

c) Somos parte do todo cósmico

Em *terceiro lugar*, faz-se mister globalizar o espaço dentro do qual nos encontramos. Vendo a Terra de fora da Terra, nos descobrimos elo de uma imensa cadeia de seres celestes. Estamos numa das 100 bilhões de galáxias, a Via Láctea. A 28 mil anos luz de seu centro, pertencemos ao sistema solar que é um entre bilhões e bilhões de outras estrelas, num planeta pequeno mas extremamente aquinhoado de fatores favoráveis à evolução de formas cada vez complexas e conscientizadas de vida, a Terra. Na Terra nos encontramos num Continente que se independizou há cerca de 210 milhões de anos atrás quando a Pangea (o continente único da Terra) se fraturou e ganhou a configuração atual a partir de 150 milhões de anos. Estamos nesta cidade, nesta rua nesta casa, neste quarto, e nesta mesa partir donde me relaciono e me sinto ligado à totalidade de todos os espaços do universo.

d) O milagre da existência individual

Em *quarto lugar*, é urgente cada um dar-se conta do surpreendente

que é sua própria existência. O universo, desde o seu início foi criando interioridade e tecendo a intrincada teia de relações que o constitui como realidade que se auto-organiza e que avança direcionado. Assim como a noosfera é fruto da biosfera, da mesma forma a biosfera é resultado da atmosfera e a atmosfera da hidrosfera e a hidrosfera da geosfera até alcançarmos o sol, a galáxia, as supernovas, o gás primordial, a grande explosão/inflação e por fim o núcleo originário de energia inimaginavelmente condensada. Cada pessoa humana está re-ligada a toda esta imensa cadeia. O universo culmina em cada um na forma de consciência, capacidade de compreensão, de solidariedade e de auto-entrega gratuita na amizade e no amor. Desta consciência nasce o sentimento de auto-estima e de descoberta do próprio sagrado como fascinante e tremendo que nos produz intimidade e ao mesmo tempo estranheza. Todas as energias e campos morfogenéticos atuaram sinergeticamente para que cada um nascesse e fosse aquela pessoa singular e única que é: Ecce mulier, ecce homo!

e) Somos membros de uma grande família

Em *quinto lugar* cada ser humano deve se descobrir como membro da espécie homo sapiens/demens em comunhão e em solidariedade com as demais espécies que formam a comunidade dos viventes (biocenose). Descobre-se membro da família humana distribuída por todos os quadrantes da Terra. Mas o sentimento de família humana ainda não se formou completamente. Como escreveu um dos maiores formuladores da consciência global do planeta, Robert Muller: "quando se trata do cosmos humano, quase tudo ainda está por ser feito. Nossa catedral planetária ainda não está ocupada por uma família unida, reverente, agradecida e plenamente desenvolvida, mas, sim, por grupos rebeldes de crianças imaturas e contraditórias" (cf. O nascimento de uma civilização global, Aquariana, S. Paulo 1993, 7).

f) Podemos ser Anjo da guarda ou Satã

Em *sexto lugar*, é necessário que tenhamos sempre presente nossa singularidade como espécie. Somos seres condenados a sermos seres culturais. Explico-me: por não dispormos de nenhum órgão especializado, somos compelidos a intervir na natureza, a prolongarmos nossos braços,

nossas mãos, nossos olhos, nossos ouvidos pelos instrumentos técnicos e a criarmos cultura. O desenvolvimento biológico de nosso cérebro, capacitando nosso pensamento e nossa criatividade imaginária, produz num instante aquilo que a evolução demoraria milhões e milhões de anos para produzir. Junto com os princípios diretivos do universo, co-pilotamos a atual fase do processo evolucionário. Isso nos confere uma imensa responsabilidade, pois podemos ser o anjo bom que ausculta a mensagem da natureza e trabalha junto e em consonância com ela como podemos ser o satã devastador e explorador que somente escuta seu desejo excludente e submete o planeta Terra a uma dizimadora agressão.

g) Somos chamados a con-criar e a celebrar

Por fim, em *sétimo lugar*, é de fundamental importância que o ser humano conscientize a sua funcionalidade dentro da orientação global do universo que se formulou ao longo dos 15 bilhões de anos. Tudo caminhou de tal maneira e dentro de formas tão complexas e altamente auto-organizadas que surgiu a capacidade de sentir, de ver, de ouvir, de se comunicar, de pensar reflexamente e de amar a alteridade. É o universo e a própria Terra que através do ser humano se sente a si mesma, vê a sua indizível beleza, escuta sua musicalidade, comunica seu mistério, pensa reflexamente sua interioridade e ama apaixonadamente a todos.

Para criar esta possibilidade é que emergiu o ser humano. Até o presente não desempenhou bem esta sua funcionalidade. Isso se deve menos ao fato de ser bom ou ruim, mas ao fato de ser imaturo e ainda inconsciente de sua verdadeira missão cósmica. Como bem disse Miriam Therese MacGillis num impressionante videoteipe de 5 horas *The Fate of the Earth*: "Parece que a Terra está saindo de sua fixação juvenil consigo mesma e com os seus poderes na direção de um nível novo e mais completo de maturidade, rumo ao degrau a partir do qual eu e você fizemos o salto de qualidade, quer dizer, a Terra por nós fez esse salto".

Todo o processo pedagógico deve culminar nesta conscientização que confere ao ser humano, homem e mulher, um alto significado universal. A partir desta conscientização fica claro que o valor supremo e global

é salvaguardar o planeta Terra e com ele o universo e garantir aquelas condições que o cosmos construiu em 15 bilhões de anos de trabalho para que toda a vida possa manter sua tendência interna que é se realizar, se reproduzir e progredir, especialmente a vida humana.

3. A permanente mensagem dos povos originários

Em todas as partes da Terra existem ainda povos originários que vivem a dimensão do sagrado e da re-ligação com todas as coisas. São aqueles que embora vivam em nosso tempo (sincronia) não se encontram no mesmo nível evolucionário que nós (contemporaneidade). Em sua grande maioria se encontram ainda no estágio das vilas do neolítico. Mas são portadores de um significado importante para a crise ecológica e para animar alternativas ao tipo de relação que nós estabelecemos para com a natureza. Eles mostram como podemos ser humanos e profundamente humanos sem precisarmos passar pela racionalidade crítica dos modernos nem pelo processo de dominação da Terra realizado pelo projeto da tecno-ciência. E mesmo assimilando a seu modo as vantagens da modernidade sabem manter o sentimento do universo e a percepção da subjetividade da natureza com quem entretemos relações de reciprocidade.

Eles são a salvaguarda de uma humanidade ainda possível, mais benfazeja e carregada de sacramentalidade e de veneração de que tanto precisamos. Bem diziam os irmãos Villas Boas, famosos indigenistas brasileiros, após 50 anos de trabalho com os indígenas, na floresta amazônica, num comentado programa de TV em 1989: "Se quisermos ficar ricos, acumular poder e dominar a Terra é inútil pedirmos conselhos aos indígenas. Mas se quisermos ser felizes, combinar ser humano com ser divino, integrar a vida com a morte, inserir a pessoa na natureza, articular o trabalho com o lazer, harmonizar as relações entre as gerações, então escutemos os indígenas. Eles têm sábias lições a nos dar".

Queremos num contexto de crise de nosso paradigma civilizacional escutar a permanente mensagem dos indígenas. Vamos privilegiar os testemunhos daqueles que se encontram em nosso continente, onde existem grandes culturas e algumas das mais originárias como os yanomamis.

a) A sabedoria ancestral dos indígenas

Em primeiro lugar queremos enfatizar a *sabedoria ancestral*. Ela está consignada nas grandes narrativas e nos mitos que conservam a observação atenta dos mistérios do universo e da profundidade da psique humana. Hoje pudemos desenvolver métodos de leitura que nos decifram o conteúdo grandioso destas lições através da lingüística, do estruturalismo e da psicologia arquetípica (J. Hillmann e sua escola). Notamos que em tantos pontos mostraram mais observação e expressaram a seu modo e com mais pertinência o que as forças interiores (que são também cósmicas) nos querem dizer em relação à nossa interioridade, em relação à mulher, ao homem, à criança, à sexualidade, à busca da felicidade e ao mistério de Deus.

Especialmente é uma sabedoria feita da observação do universo e da ausculta da Terra. Para os aymara bolivianos o sábio é aquele que aprende a ver atentamente, que esquadrinha, que vê longe, que olha as coisas por todos os lados e que procura ver dentro. Os anciãos são os que mais acumularam tal experiência. São os sábios consultados pela comunidade. Quando consultados, olham com atenção ao redor, contemplam os montes, respiram profundamente o ar, pisam pesadamente o chão e somente então falam.

b) O manejo sábio da natureza

Essa sabedoria se mostra no manejo da natureza. Demos apenas um exemplo. Muitos imaginam que a Amazônia onde se encontra a maior biodiversidade do planeta é uma região virgem, intocada pela intervenção humana e desabitada. Ledo engano. É um vasto território há milhares de anos ocupado por centenas de etnias e profundamente trabalhado pelo ser humano. Apenas que a intervenção se fez no sentido de potenciar a natureza e superar as limitações daqueles ecossistemas que possuem as terras mais jovens e mais velhas do mundo, mas caracterizadas pela acidez e pobreza química de seu solo (75% do território). A pesquisa revelou que "as sociedades indígenas modificaram o meio ambiente, promovendo a diversidade biótica simultaneamente com a promoção de "ilhas de recursos", criando condições favoráveis ao desenvolvimento de dominância de

algumas espécies vegetais altamente úteis (por ex. o babaçu)... Pelo menos 11,8% das florestas de Terra firme na Amazônia brasileira podem considerar-se florestas antropogênicas... especialmente as dominadas por palmeiras, florestas de bambu, florestas com alta densidade de castanheiras (castanhais), ilhas florestais no cerrado, caatinga baixa, matas de cipó e outras" (Moran, E., *A ecologia humana das populações da Amazônia*, Vozes, Petrópolis 1990, 198). Segundo o antropólogo William Balée, não foram os indígenas que fundamentalmente se adaptaram à floresta primária, foram eles que modificaram intencionalmente o habitat para estimular o crescimento de comunidades vegetais e a integração destas com comunidades animais e com o ser humano. "Em certo sentido, os diferentes perfis dessas florestas podem ser vistos como artefatos arqueológicos em nada distintos dos instrumentos e cacos de cerâmica, uma vez que elas nos abrem uma janela para o passado da Amazônia" (*Cultural Forest of the Amazon*, em *Garden* n. 11, 1987, 12).

Os índios tucano do Alto Rio Negro conhecem nada menos que 140 espécies de mandioca, enquanto nós da agroindústria manejamos apenas meia dúzia. Quem é aqui primitivo? "Estes povos são perfeitos cientistas do meio-ambiente", exclamou cheio de admiração o Príncipe Charles quando em 1991 visitou o Brasil e arrematou: "chamá-los de primitivos é perverso e paternalista" (*Jornal do Brasil*, *Idéias e Fatos* de 16/6/1991, p.6). Um profundo conhecedor dos problemas indígenas do Brasil testemunhava: "Vemos o índio como um ser inferior, com uma cultura inferior. Mas quando se fala em viver na Amazônia ele é muito superior, pois se harmoniza perfeitamente com todo o sistema ecológico. A tragédia é que, sendo o índio uma das chaves principais para a ocupação bem-sucedida da Amazônia, ele esteja desaparecendo, e com ele, o seu vasto conhecimento" (cf. Davis, S., *Vítimas do milagre. O desenvolvimento e os índios do Brasil*, Zahar, Rio de Janeiro 1978, 190; veja também os testemunhos reunidos por Araújo, J., *Estamos desaparecendo da Terra*, Editora Bahá-i do Brasil, S. Paulo 1991, 3-35). Estudos em comunidades indígenas no Brasil e Venezuela revelam que os indígenas sabem aproveitar ecologicamente 78% das espécies de árvores em seus territórios, sabendo-se que a biodiversidade da flora é espantosa, na ordem de 1.200 espécies por área do tamanho de um campo de futebol (cf. Sioli, H., *Amazônia. Fundamentos da ecologia da maior região de florestas tropicais*, Vozes, Petrópolis 1985, 24-29). Aqui se revela uma capacidade de atuação e uma sabedoria ambiental que ultrapassa de longe nossos centros mais avançados de experi-

mentos em agroecologia (cf. Altieri, M.A., Agroecologia, Fase, Rio de Janeiro 1989, 25-63). Nisso eles são nossos mestres e nossos doutores.

A discriminação associada à ignorância arrogante de nossos administradores que não reconhecem nenhum saber que venha fora de nosso paradigma científico, especialmente nos projetos amazônicos, como o Programa Grande Carajás, fez com que esse saber ecológico não fosse aproveitado, gerando imensos equívocos técnicos com irreparáveis danos ecológicos para a região (veja Hall, A.L., Amazônia, desenvolvimento para quem? Zahar, Rio 1991,270; Waldmann, M., Ecologia e lutas sociais no Brasil, Contexto, S. Paulo 1992, 69-78).

c) A natureza é a mãe do índio

Em terceiro lugar importa realçar a *mística da natureza*. Para os povos originários, a Terra não é um simples meio de produção. É um prolongamento da vida e do corpo. É a Pachamama, a Grande Mãe que tudo gera, alimenta e acolhe. Não cabe recordar o famoso texto do cacique Seattle pronunciado em 1856 diante de Isaac Stevens, governador do território de Washington acerca da *dignitas terrae* (publicada na Revista Vozes, jan/fev 1979, 66-67; veja outros testemunhos em Hughes, J.D., American Indian Ecology, El Paso, Texas 1983). Fiquemos com um eloqüente testemunho de um cacique kuna, da costa atlântica do Panamá, Leonidas Valdez: "A Terra é nossa mãe e é também cultura. Nela nascem os elementos de nossa cultura... todos os alimentos que consumimos nas festas tradicionais; os materiais que nossos artesãos usam e que utilizamos para construir as casas, todos procedem da montanha. Se perdêssemos estas terras, não haveria nem cultura nem alma" (Archibold, G., Pemasky en Kuna Yala: protegindo a la Madre Tierra... y a sus hijos, em Hacia una Centroamerica verde, DEI, Costa Rica 1990, 37; veja também Potiguara, E., A Terra é a mãe do índio, GRUMIN, Rio de Janeiro 1989). Por isso os indígenas quando cortam árvores medicinais ou qualquer outra árvore para fazer um remo ou uma taba, celebram ritos de desculpa, carregados de veneração e de respeito.

Com razão testemunhava um indígena anônimo que já incorporara junto a sua percepção mística os conhecimentos da química da Terra: "Os grandes recursos e minas de ouro, ferro, cobre, carvão e elementos como nitrogênio, fósforo, potássio e outros, são os órgãos internos da Mãe Ter-

ra; são os pulsos e as batidas do coração da Mãe que faz produzir as árvores e as plantas para alimentos, roupas, habitações e medicinas a todos os seres da Terra. Por conseguinte, não se deve abusar e maltratar as entranhas da Mãe Terra" (Archibold, G., op. cit. 41; Cf. uma visão de conjunto sobre os conhecimentos ecológicos dos povos indígenas, em Mires, F., El discurso de la naturaleza, op. cit. 83-91; para a parte do Brasil, Ribeiro, B., O índio na cultura brasileira, Unibrade, Rio de Janeiro 1987, 15-94.).

Muitos indígenas têm consciência de que esta atitude para com a natureza possui, para o contexto moderno, um alto valor civilizatório. O indígena guarani Mário Jacinto do Sul do Brasil, falou em nome de muitos quando cobrava do Governo central mais terras, "porque" - argumentava - "assim o índio vai mostrar como pode fazer a natureza nascer de novo, pois a coisa mais linda da face da Terra é a natureza" (cf. CIMI/CNBB, Semana do Índio de 14-20 de abril de 1986, em Revista Vozes, Petrópolis, abril 1986, 71).

d) Trabalhar é ajudar a Mãe Terra

Em quarto lugar, ligado ao tema da Terra está o do *trabalho*. Nunca o trabalho possui um sentido meramente produtivo como entre nós. Ele significa a colaboração que o ser humano dá à Mãe Terra no atendimento das necessidades humanas. Ela é generosa e a todos sustenta e nutre. Mas o ser humano ajuda em sua missão. Por isso os indígenas trabalham o suficiente para suprir as demandas humanas e o desafogo da existência. É sempre uma atividade comunitária e prazerosa, com o objetivo de produzir não o lucro mas o bem viver (cf. Mires, F., El discurso de la naturaleza: ecología y política en A. Latina, DEI, San José, 1990, 105-111).

Com 47 dias de trabalho no ano um indígena maya produzia o suficiente para 5 pessoas, o que lhe permitia ter o tempo para ocupações comunitárias, construir templos e dedicar-se às artes (cf. Quan, J., Le colture agricole dei Maya: un esempio di creatività e di rispetto del suolo, em Educazione al Volontariato e ai problemi Pace, Ambiente, Sviluppo e Disagio, Atas do encontro de 1990/91, Vico Equense 1992, 17). Mesmo quando incorporam modernas tecnologias, não precisam perder o sentido profundo da Terra e do cuidado por seu equilíbrio. Disse Ailton Krenak, coordenador da União das Nações Indígenas (UNI) e um dos indígenas do Vale do Rio Doce/MG mais

lúcidos do Brasil: "Temos computadores sim, mas os usamos com muito cuidado. Se o trator for usado para preparar uma área de cultivo e possibilitar que as pessoas tenham mais tempo para dançar, cantar, fazer suas festas, então ele tem um papel muito importante - o de acrescentar mais uma capacidade àquelas pessoas de viver melhor" (em Jornal do Brasil no caderno Ecologia de 8/7/1991, p.3). Aqui não há nenhuma maginificação da técnica, mas seu uso instrumental a serviço do sentido mais profundo da vida humana que é a gratuidade, o sábado bíblico e a celebração.

e) Trabalhar para festejar e dançar

Em quinto lugar, possui grande significado para nós o sentido da *festa e da dança*. Os povos originários são profundamente místicos. Vivem da experiência do Mistério do mundo, do Deus de mil nomes. É através da festa e da dança que criam as condições da experiência da divindade. Em função desta experiência se entendem as bebidas fortes e os alucinógenos rituais que se tomam comunitariamente nas grandes festas e nas danças que atravessam as noites. A festa é para a divindade, para os mortos, para recordar o mito fundador, para celebrar a colheita, para o casamento e mil outros motivos. Grande parte do tempo é dedicado à festa e à dança. Talvez nenhum povo seja tão expressivo neste particular quanto os Tarahumares (ou Rarámuri-Pagótuame) que vivem a noroeste do México (cerca de 50-60.000 e considerados dos mais originários e menos amestigados das culturas mexicanas); deles se diz que vivem para dançar e dançam para viver (cf. Velasco Rivero, P., *Danzar o morir*, CRT, Mexico 1983 esp. 247-370). Entre nós conhecidos por suas grandiosas festas são os Xavantes e os Kamayurá (cf. Pedro Agostinho, *Kwaríp, mito e ritual no Alto Xingu*, Edusp, S. Paulo 1974, 89-157), bem como os Araweté que somente a partir de 1976 foram pela primeira vez contactados na região amazônica do rio Xingu. Mostram um senso de festividade e graciosidade que parece viverem ainda a idade matinal da humanidade, especialmente a grande festa da cauinagem (cf. Viveiros de Castro, E., *Arawaté, o povo do Ipixuna*, CEDI, S. Paulo 1992, 76-85). A festa os transporta para o mundo da utopia e da transcendência já tornado acessível mediante o cerimonial, a bebida, os ritmos e o êxtase.

A festa e a dança - práticas de pura gratuidade e leveza - dão corpo

concreto à vocação originária do ser humano. Ele existe para captar a majestade do universo, a beleza da Terra e vitalidade de todas as coisas. Se tudo existe para brilhar, o ser humano existe para festejar e dançar este brilho. Na medida em que ele obedece ao seu ser profundo, ele se humaniza, se integra e é feliz. Esta é uma permanente mensagem que os povos originários sempre nos recordam.

g) O Deus que tudo empapa e une

Por fim, é uma grande lição e um desafio para nossa cultura da secularização e da materialidade a *experiência de Deus* que os povos indígenas fazem (veja um dos melhores trabalhos já publicados na A. Latina: Marzal, M., Albó, X., Melià, B., e outros, *O rosto índio de Deus, Vozes, Petrópolis 1989*). Ela não é fruto de um raciocínio complicado. Deus não emerge no termo de um percurso angustiado de busca. Ele não ocupa alguns espaços e alguns tempos da vida e do mundo. Ele preenche tudo e empapa tudo. O ser humano se sente imerso no mundo dos deuses e dos antepassados que vivem com eles numa outra dimensão, acessível pelos sonhos, pelas festas e pelas drogas rituais. O universo é transparente à divindade. Por isso, para as culturas originárias, tudo é um sacramento possível e um portador potencial da teofania. Sendo vivo e vivificador, Deus enche de vida todo o universo e também cada coisa que parece inerte. Ela não o é. Por isso fala e irradia. A árvore não é apenas árvore, fechada em si mesma. É um ser com muitos braços (ramos) e milhares de línguas (folhas). Dorme no inverno, sorri na primavera, é mãe generosa no verão e severa anciã no outono. É Deus que se faz presente em todas estas manifestações. Os povos originários elaboram esta visão não pela via da reflexão mas da experiência global. Como bem dizia uma representante dos Pueblo norte-americanos ainda em 1984: "Não se trata de dizer que Deus está lá em cima, nem que ele está ao nosso redor, em mim, em ti, na grama e neste livro. Trata-se de sentir que Ele está por todas as partes. Eu o experimento totalmente dentro e fora de mim. Nele eu me sinto aconchegado. Obrigado".

É o permante valor do animismo: tudo começa como vida e termina com vida porque tudo é vivificado pelo Deus da vida. Neste percurso todas as coisas são englobadas e animadas.

Como não sermos ternos e fraternos com todo o universo e com cada coisa, sabendo que são sacramentos de Deus, habitados por uma presença que irradia beleza, majestade e entusiasmo? Os povos originários nos comprovam que essa experiência total é humana e profundamente re-ligadora de tudo com tudo e por isso radicalmente ecológica.

4. Uma nova ordem/desordem ecológica mundial e seus cenários possíveis

A crise de sustentabilidade da vida a nível mundial se agravou de tal forma que nos obriga imediatamente a tomar decisões em ordem à ação. Mas não de qualquer jeito. Deve ser nos parâmetros de uma nova radicalidade e de um novo paradigma. O imperativo que se anuncia não é de mudar o mundo, mas de conservá-lo. Ou talvez, para conservá-lo devamos mudá-lo?

O certo é que os prazos se fazem cada vez mais curtos. É como um avião na pista de decolagem. Correndo, ele alcança um ponto crítico de *no return*. Ou levanta vôo e segue o seu curso. Ou então não consegue erguer vôo e se esborracha nas pedras para além do fim da pista. Há os que dizem: já é tarde demais; a máquina dos meios de produção/destruição está de tal maneira azeitada que não há como pará-la; vamos ao encontro de um colapso natural do sistema-Terra. Outros são otimistas e dizem: ainda podemos mudar de rumo e confiamos na capacidade de suportabilidade e regeneração de Gaia. Em meio a este impasse, apresentam-se atualmente três cenários prováveis:

a) Rumo a um cataclisma ecológico

Ou o atual paradigma de sociedade depredadora da natureza continua com o agravamento de todas as contradições sociais e ecológicas; os ricos e poderosos levantarão um muro de controles e restrições em suas fronteiras e desenvolverão tecnologias cada vez mais puras que lhes garantam e aumentem artificialmente as condições de vida, deixando os excluídos e empobrecidos entregues à sua própria sorte, privados do essencial como alimentação, energia, água, ar, casa num planeta superpovoado

e com um aumento perigoso de conflitos regionais e eventualmente globais (relação Norte-Sul).

b) Desenvolvimento sustentável: remendo no velho

Ou as sociedades humanas se dão conta do crescente déficit da Terra que se manifesta pela degradação geral da qualidade de vida, pela injustiça societária e ecológica e então mostram-se minimamente solidárias inventando tecnologias mais benéficas com o meio ambiente e formas de desenvolvimento social e não apenas tecnológico e econômico mais sustentável para todos também para a própria natureza. Propõe-se então um desenvolvimento sustentável que apenas melhora o desenvolvimento mas sem superar as contradições internas do tipo de desenvolvimento dominante que sempre supõe a exploração da Terra e da força de trabalho humanos. Não se procura ainda uma sociedade em si mesma sustentável na medida em que permite a todos viverem e um desenvolvimento com a natureza e não às custas dela.

c) A nova aliança para com a Terra

Ou têm a audácia sábia de dar o passo rumo a um novo paradigma de relações benevolentes para com a natureza, de uma nova compreensão da Terra como Gaia e por isso com uma nova aliança de fraternidade/sororidade para com ela, entendendo os seres humanos como seus filhos e filhas, organizados numa democracia sócio-cósmica dentro de um novo padrão de desenvolvimento com a natureza e nunca contra ela; então se poderá inaugurar uma nova esperança para o planeta Terra e uma nova ordem mundial.

d) Avaliação dos cenários mundiais

O *primeiro cenário* - conservador - representa a tendência atual dos anos 90. O neo-liberalismo globalizado mostra parca sensibilidade pelo drama mundial dos pobres. Nos últimos séculos de sua vigência, mostrou que é capaz de ser homicida e etnocida. Agora pode revelar sua face de ecocida (cf. Hinkelhammert, F., La lógica de la expulsión del mercado capitalista mundial y el proyecto de liberación, em Pasos 3/1992, 3-21; Beaud, M., Risques planétaires.

environnement et developpement, em Economie et humanisme no. 308, 1989, 6-15). Mas é uma solução contra o sentido do processo evolucionário de todos os bilênios que sempre buscou re-ligações e cadeias de solidariedade. Aqui se impõe com violência a ruptura, o encapsulamento e a exclusão. Mas quanto de injustiça e de desumanidade aguenta o espírito humano? Para tudo há limites, especialmente para esse tipo de solução. Trilhar este caminho é escolher o destino dos dinossauros.

O segundo cenário - reformista - situa-se ainda dentro da matriz moderna mas procura minimizar os efeitos não desejados. Assim surgiu o eco-desenvolvimento, um desenvolvimento que toma em conta o argumento ecológico no pressuposto de que somente uma ecologia saudável pode gerar um desenvolvimento saudável. Para isso se introduzem técnicas menos poluentes, se evita a quimicalização dos alimentos e os pesticidas dos solos, se busca mais equidade social no sentido forte de uma ecologia social.

Neste contexto fala-se então da sustentabilidade do desenvolvimento. Quer significar: quanto podemos consumir, indefinidamente, sem degradar o estoque de capital natural e de capital feito pelo trabalho humano? Os dois tipos de capital, o natural e o humano, numa perspectiva histórica global, são complementares. Ambos têm determinado alcance e fatores limitantes que, não respeitados, criam um desequilíbrio ecológico. A sustentabilidade deve garantir a recuperação por si mesmo dos dois tipos de capital. Sem essa recuperação, cometemos uma dupla injustiça ecológica: em primeiro lugar, uma injustiça para com a natureza que se organizou durante milênios para encontrar seu equilíbrio dinâmico, agora rompido, e, em segundo lugar, uma injustiça para com as gerações futuras que têm direito de herdar uma qualidade de vida minimamente saudável, direito que lhes é negado. As experiências até o momento têm mostrado que esse propósito representa apenas um ideal a ser alcançado. Como temos mostrado em outro lugar, ele representa uma contradição nos termos. O tipo de desenvolvimento imperante não convive com os ideais ecológicos, pois ele está assentado sobre a exploração da natureza e dos seres humanos. Por causa disso seguimos com rupturas fragorosas no eco-desenvolvimento (na verdade, por de trás muitas vezes se esconde o eco-capitalismo que diz, como apareceu num grande cartaz na periferia da cidade

do México: "não explore o homem, explore a natureza"), salvaguardando o desenvolvimento à custa da ecologia, especialmente naqueles países "em vias de desenvolvimento". O exemplo mais deprimente pode ser ilustrado pelos grandes projetos industriais na região da Amazônia brasileira. Aí se aplicam intensiva e indiscriminadamente as tecnologias mais avançadas a um meio ecológico que pede totalmente outro tipo de intervenção, com conseqüências das mais perversas. Há um altíssimo grau de crescimento, com índice negativo de sustentabilidade. É a negação da ecologia (cf. Morel, E., *Amazônia saqueada*, Global, S. Paulo 1984).

Mas mesmo assim vale realçar o avanço que significa o eco-desenvolvimento contra um crescimento ilimitado e irresponsável face aos custos ecológicos. Mesmo permanecendo dentro do paradigma dominante, energívoro, há muito a se fazer e alcançar através do eco-desenvolvimento (cf. Sachs, I., *Stratégies de l'éco-developpement. Economie et humanisme/Editions Ouvrières*, Paris 1980).

Entretanto, importa insistir nas críticas ao paradigma imperante: continuamos reféns da matriz-desenvolvimento. Na verdade, esta categoria desenvolvimento centralizou os debates nos últimos 30 anos: desenvolvimento do homem todo e de todos os homens nos anos 60; desenvolvimento alternativo nos anos 70; eco-desenvolvimento nos anos 80; e desenvolvimento sustentado nos anos 90. Importa romper com esse paradigma rumo à era ecológica na qual se busca a sustentabilidade da Terra e da sociedade como condição para a uma re-ligação de todas as coisas entre si.

Os anos 70 viram surgir três profetas que se anteciparam à elaboração mais sistemática da visão ecológica hoje vigente: Lewis Mumford, Ivan Illich e E.F. Schumacher.

L. Mumford fez a crítica à megamáquina que opera mediante o complexo econômico-militar-industrial que, segundo ele, criou o capitalismo e não vice-versa. Por isso, submete a seus interesses os Estados nacionais e contaminou também o socialismo (cf. *The Myth of the Machine*, 2 vol. Harcourt Brase, N. York 1967).

Ivan Illich vai além de Mumford e propõe uma utopia construtiva, a convivialidade. Esta convivialidade resulta da articulação entre o ser humano, as ferramentas e a sociedade. As vítimas da sociedade industrialista são os sujeitos criadores de uma sociedade convivial na qual os cidadãos controlam o uso das ferramentas (e há ferramentas que são destrutivas independentemente de quem as usa, como a máfia, um cartel de oligopólios, um coletivo de trabalhadores que somente procura interesses corporativos e não sociais) mediante processos políticos democráticos (cf. *Tools for conviviality*, Harper & Row, N. York 1973). Esta utopia anima na busca de um novo paradigma.

E.F. Schumacher, industrial e empresário, é um dos primeiros a fazer uma crítica ecológica à economia política. Critica especialmente o modelo fordista (as técnicas aplicadas por Henry Ford a suas indústrias nos anos 20), difundido no mundo todo, baseado na exploração intensiva da natureza e da força de trabalho com aplicação de técnicas de produção em massa. Ele deu-se conta dos estragos ecológicos que essa tecnologia produz e da ilusão de seu pressuposto, a infinitude dos recursos naturais. Numa Terra finita não pode haver recursos infinitos. Criticou também a tendência à centralização total, à homogeneização absoluta da produção em cadeia e o gigantismo da planta industrial.

Face a isso propõe sua alternativa: *small is beautiful*, o pequeno é a alternativa, no pequeno se encontra a escala humana, no pequeno se pode expressar a singularidade (*Small is Beautiful: Economics as If People Mattered*. Harper & Row, N. York 1975). A proposta ganhou um impacto mundial, mais pelo seu título *small is beautiful*, que se transformou num emblema, do que pelas sugestões concretas que sugere. Schumacher revela contradições devido ao seu lugar social de industrial, pois não submete o paradigma industrialista a uma crítica radical, apenas o seu modo faraônico. Continua preso ao paradigma industrial, apenas aplicando-o em escala menor. As questões não se mudam apenas trocando de tamanho. Deve-se considerar as relações de produção (opressivas, solidárias etc) e a perspectiva global do sistema-Terra. Pode haver uma pequena indústria com tecnologia pura com relações de alta exploração de seus funcionários. Ela ainda assim seria anti-ecológica porque não atende à ecologia social. Precisamos ir mais longe. No portal do velho paradigma

está escrito o que Dante colocou no frontispício do inferno: "Lasciate ogni speranza voi che entrate".

O *terceiro cenário* - libertador - apresenta a real alternativa. Ele comporta uma profunda mudança de nossa civilização, caso queiramos sobreviver coletivamente. E aqui nos confrontamos com aquilo que realisticamente sentenciava Maquiavel em seu *O Príncipe*: "Não existe nada de mais difícil de se executar, nem de sucesso mais duvidoso ou mais perigoso do que dar início a uma nova ordem de coisas; pois o reformador tem como inimigos todos os que ganham com a ordem antiga e como aliados apenas os que ganham com a nova ordem; mas estes geralmente são tímidos". A gravidade da situação nos impede a timidez. Precisamos buscar novos caminhos nem que sejam aqueles das pedras. Sem isso não há salvação para a comunidade planetária. Por isso, no portal do novo paradigma ecológico estão as palavras que Dante certamente teria colocado no frontispício do purgatório, ante-sala do céu: "Mai lasciate la speranza voi che entrate".

5. Decisões para a salvaguarda da Terra

Para a salvaguarda da Terra e do futuro comum para a humanidade precisam-se decisões que apontem para o rumo certo.

a) Agir localmente e pensar globalmente

Em primeiro lugar, é necessário manter sempre viva a perspectiva de *globalidade*. Não há mais soluções regionais. Nem há uma arca de Noé que salve a alguns e deixe perder todos os demais. Chegamos a um ponto de interdependência tal que ou nos salvamos todos ou todos nos perdemos. "Há uma Terra somente, a preservação de um pequeno planeta" foi a conclamação conclusiva da Conferência da ONU sobre meio ambiente realizada em Estocolmo em 1972 (Editora Blucher, S. Paulo 1973). "Nosso futuro comum" é o título da conclusão de 1987 da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, também chamada de Comissão Brundland (Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio 1988). A Declaração do Rio de Janeiro do Forum Global encer-

rava com esta constatação: "Entendemos que a salvação do planeta e de seus povos, de hoje e de amanhã, requer a elaboração de um novo projeto civilizatório" (cf. Tratados das ONGS, Rio de Janeiro 1992). E esse projeto civilizatório deve ser sinergeticamente construído por todos. Por aí se expressa a cidadania planetária e terrenal. Daí nasce a consciência dos direitos da humanidade e da *dignitas terrae*.

A globalização da questão ecológica demanda conseqüentemente organismos globais que respondam pelos interesses globais. Por isso é decisivo apoiar e reformular aqueles organismos globais que já existem, como a ONU com suas 18 agências especializadas e 14 programas mundiais. É verdade que ela funciona em grande parte dentro do velho paradigma no qual surgiu, visando consolidar o equilíbrio das poucas potências que gerenciam o planeta. Mas dentro dela há forças que captam a urgência do novo e lhe dão forma com estudos específicos sobre a biosfera, os recursos naturais, o clima, as espécies, a fome, a alimentação, as doenças, as crianças e os direitos humanos, elaborando subsídios que servem às decisões globais e aos governos regionais (cf. Muller, R. O nascimento de uma civilização global, Aquariana, S. Paulo 1993, 80-83). Mais e mais se faz premente a necessidade de um governo central - convergência para um consenso na diversidade - a fim de gerenciar as questões atinentes a toda a humanidade como as questões da salvaguarda do planeta, da alimentação, da fome, da doença, da habitação, do direito dos povos, da paz, do futuro comum etc.

b) Uma democracia ecológico-social-planetária

Em segundo lugar, importa caminharmos na direção de uma *democracia ecológico-social planetária*. A crise ecológica concerne a todos e por isso demanda a participação de todos na implementação de uma nova aliança para com a natureza. A configuração política que melhor dá corpo à participação coletiva é a democracia. Antes de ser uma forma de organizar a convivência social, ela representa um valor universal. Pode e deve ser vivida em todas as instâncias onde pessoas se relacionam, na família, na escola, nas associações da sociedade civil, nas igrejas e na própria sociedade (Bobbio, N., *Democrazia como valore universale*, Il Mulino, Milão 1983; Rosenfeld, D.L., *O que é democracia*. Brasiliense, S. Paulo 1984).

Toda democracia se sustenta sobre cinco pontos fundamentais: a *participação* mais ampla possível; por ela se cria entre os cidadãos mais *igualdade*; os níveis crescentes de igualdade não devem anular as *diferenças* de todo tipo, de etnia, de gênero, de cultura, de filosofia e de religião; devemos valorizar e acolher estas diferenças que revelam a riqueza da unidade humana; dada a interdependência de todos com todos, a *solidariedade* sedimenta a democracia, especialmente para com aqueles que menos são e menos têm, por fim os seres humanos são seres de *comunhão*; pela comunhão abrimos nossa subjetividade aos demais, elaboramos valores e celebramos o sentido de nossa existência e de todo o universo; o gesto proto-primário da cultura humana, como enfatizam tantos bio-antropólogos, não teria sido a utilização do instrumento tecnológico para garantir a subsistência individual; mas teria sido a co-divisão dos alimentos produzidos pelos proto-hominídeos, num gesto de profunda comunhão, criadora da comunidade originária.

Nessa democracia social devem se realizar as exigências de uma *ecologia social*. Esta faz como objeto de sua consideração os sistemas histórico-sociais humanos em interação permanente com os sistemas ambientais. A história humana é impensável sem essa mútua interação. Bem como o ser humano, também a sociedade com suas instituições é uma expressão da Terra e da natureza. Por isso não se pode separar justiça/injustiça social de justiça/injustiça ecológica. A agressão que se faz ao ser humano por causa da exploração de sua força de trabalho e das más condições de vida a que é submetido, representa uma agressão à natureza. Como já assinalamos acima, o ser mais injustiçado da criação não são as baleias ou o urso panda da China, mas os pobres do mundo, pois estes são condenados a morrer antes do tempo ou os povos em extinção como os kaiapó e os yanomamis do Brasil entre outros. Daí a razão improstergível da opção pelos pobres. Numa perspectiva da ecologia social, esta opção inclui também uma opção pelas espécies mais ameaçadas de extermínio (somente na Amazônia estão ameaçadas 50.000 espécies até o final do milênio sob agressão devastadora de grandes projetos tecnológicos), especialmente o próprio planeta Terra.

Por causa dessa imbricação ser-humano/natureza é que devemos incluir na concepção da democracia social e planetária a dimensão ecológi-

ca. Nesta democracia ecológico-social, cidadãos não são apenas os humanos, mas todos os seres que compõem o mundo humano social. A democracia se abre, então, a uma biocracia e a uma cosmocracia.

Que seria do ambiente humano, de uma casa ou de uma cidade sem a paisagem, sem as montanhas, sem o céu azul de dia e estrelado de noite, sem os ventos, as nuvens e as chuvas, sem os raios e trovões, sem o sol e a lua, sem a mancha verde, sem os rios e riachos, sem a terra sob nossos pés, sem o cheiro do chão após a chuva, sem o orvalho, sem as plantas e flores, sem os animais e as aves? Como não seríamos pobres materialmente e empobrecidos espiritualmente já que todas estas realidades habitam em nosso interior na forma de emoções, de símbolos e arquétipos inspiradores? Bem escreveu C.G. Jung que entendia a fundo destas coisas: "Todos nós precisamos de alimento para a psique; é impossível encontrar esse alimento nas habitações urbanas, sem uma única mancha verde ou uma árvore em flor; necessitamos de um relacionamento com a natureza;... precisamos projetar-nos nas coisas que nos cercam; o meu eu não está confinado ao corpo; estende-se a todas as coisas que fiz e a todas as coisas à minha volta; sem estas coisas não serei eu mesmo, não seria um ser humano; tudo isso que me rodeia, é parte de mim" (C.G. Jung, Entrevistas e Encontros, Cultrix, S. Paulo 1984, 189).

Portanto, todos os seres da natureza são cidadãos, sujeitos de direitos, de respeito e veneração. Disso se deriva uma exigência política de uma educação ecológica que inicie os seres humanos a conviver com seus irmãos e irmãs cósmicos numa mesma sociedade. No dia em que prevalecer esta democracia ecológico social planetária, ter-se-ão criadas as condições para a aliança de fraternidade/sororidade com a natureza. Confraternizado com os elementos e com os seres animados e inanimados, o ser humano não precisará mais temer. Vibrará com o inteiro universo. Poderá ser singelamente feliz em comunhão universal, com todos os seres, concidadãos do mesmo planeta e irmãos e irmãs na mesma aventura cósmica, sob o olhar paternal e maternal de Deus. Não é isso a utopia de uma nova ordem ecológica mundial (cf. Ferry, L., A a nova ordem ecológica. A árvore, o animal, o homem, Editora Ensaio, S. Paulo 1994, 167-188)?

c) O resgate do sentido genuíno de política e de economia

Em terceiro lugar, em razão desta forma mais avançada de democracia, deve-se redefinir o *sentido da política e da economia*. Na crise dos paradigmas, precisamos recuperar o sentido originário dos conceitos, aquelas experiências fontais que subjazem às palavras-chave. Assim *política* tem a ver com a convivência humana (sua expressão mais densa é a cidade, a pólis, donde vem política) enquanto significa a busca e a realização comum do bem comum. O bem comum hoje não é mais apenas humano. É bem comum de toda a natureza. Inclui o direito ao futuro que todos os seres devem ter. Mais que uma técnica do poder é uma arte sinérgica de criar continuamente convergências na diversidade, a arte de tornar possível o impossível. É a prática amorosa de criação das condições de vida e de dignidade para todos os seres, realimentando aqueles fatores que mantêm o processo evolucionário aberto.

Da mesma forma a *economia*. Ela surgiu não como técnica do crescimento ilimitado mas como gestão racional da escassez. E hoje a escassez atinge toda a Terra. Por isso a economia deve ser uma economia ecológica. Como poderá ir bem a economia se a Terra vai mal? O propósito da economia ecológica é fazer sintonizar a economia da Terra com a economia dos seres humanos, visando a sustentabilidade e a qualidade de vida mundial, das pessoas e dos demais seres da natureza (Henderson, H., *Paradigms in Progress: Life Beyond Economics*, Knowledge Systems Incorporated, Indianapolis 1991). Isso significa realizar a justiça à geração presente e também à futura porque vai herdar uma sociedade e uma natureza sustentável. Uma economia ecológica procura garantir a constância do capital natural total, criar condições para que ele evolua, já que tudo no universo se encontra dentro do princípio evolucionário e cosmogênico, associado com o capital feito pelo trabalho dos seres humanos (cf. Daly, H., *Economy, Ecology, Ethics. Essays Toward a Steady-State Economy*, Freeman, S. Francisco 1980). E quando regionalmente não se consegue tal propósito, procura-se uma compensação que refaça o equilíbrio quebrado. Assim como se paga para a preservação da força de trabalho, devem-se pagar taxas para a reprodução da natureza.

A natureza deve ser computada na composição do capital e também na definição do produto nacional bruto, tão importante para aferir o bem-

estar de uma sociedade e fundamentar as políticas de investimentos. Por exemplo, a manutenção de uma floresta fornece serviços econômicos ponderáveis para as pessoas, como a pureza do ar e da água, a conservação do solo, a melhoria do clima, o fornecimento de uma paisagem, saudável para o equilíbrio humano e para a recreação e serve de habitat para outros seres. Ora, na forma como convencionalmente se calcula o produto interno bruto, tais fatores não são computados; a floresta só entra caso se extraiam dela madeiras, vale dizer, caso tenha sido destruída como floresta. Ora, uma economia ecológica computa todos os benefícios acima elencados e os integra numa perspectiva global (cf. Alwater, A., *Ökologie und Ökonomie*, Prokla 67, Berlim 1987; Costanza, R., *Economia ecológica: uma agenda de pesquisa*, em May, P.H./Sera da Motta, R., *Valorando a natureza, análise econômica para o desenvolvimento sustentável*, Campus, S. Paulo 1994, 111-144; Id., *What is ecological economics*, em *Ecological Economics*, n.37 1989, 1-7).

O que dissemos da economia ecológica deve ser dito da *ecoagricultura*. O objetivo dela não é tirar o máximo proveito humano das potencialidades que o ecossistema apresenta. O objetivo é criar mais vida, mais fertilidade no solo e mais sustentabilidade do ambiente em presença (cf. Hyams, W., *Soil and Civilization*. State Mutual Books, N. York 1980). Garantida tal qualidade, fica garantido também o produto. A Terra é generosa e retribui com superabundância quando manejada consoante a lógica intrínseca dela. Isso exclui o uso do fogo para o estocamento do campo, desaconselha a aplicação intensiva de agrotóxicos e evita a introdução de maquinaria pesada. Maior é a resposta da Terra quando nela se reduz ao mínimo adubos vindos de fora e se preferem aqueles que resultam do metabolismo do próprio subsistema regional. Decisivo para a ecoagricultura é observar a consorciação que a própria natureza faz, por exemplo, plantas que se ajudam mutuamente para um nível ótimo de vida e produção, sua combinação com certo tipo de micro-organismos, sua adequação a certo nível de umidade local.

Nada mais anti-ecológico e anti-natural que a monocultura, pois aí se quebra a consorciação/solidariedade que a natureza havia estabelecido entre todas as plantas, com os tipos de solos, com microorganismos, com o clima regional etc. Mostrou-se altamente produtiva e sustentável a agricultura feita dentro e debaixo da própria floresta, respeitando a sucessão

natural, as combinações de sombreamento e iluminação e a cadeia de consorciações (cf. Götsch, E., Homem e Natureza, Cultura e Agricultura, mimeg. Salvador 1995).

6. Uma ética da ilimitada compaixão e da corresponsabilidade

O que pensamos e principalmente o que sentimos devem nos ajudar a renovar nossas atitudes. Assim, da política somos remetidos à ética. A ética apresenta demandas que vão para além da moral. Por isso importa distinguir moral de ética. A moral configura sempre imperativos que são exigidos por uma certa ordem estabelecida. A moral tem a ver com a obediência e conformação com esta ordem. O que, entretanto, devemos questionar não é a sintonia ou não com a ordem estabelecida (moral). Mas a própria ordem e a sua natureza. Pode haver um tipo de ordem e com isso de moral profundamente anti-ecológica. É o caso da moral convencional. Ela é utilitarista e antropocêntrica e faz da Terra um mero depósito de recursos para satisfazer os desejos humanos, sem o sentido de respeito à alteridade e aos direitos dos demais seres da natureza.

Quando se entende como estabelecida e estática, a ordem sempre se enrijece. A moral vira moralismo e as pessoas mal respiram, sufocadas pelo super-ego moral castrador.

Mas se a ordem segue o ritmo evolucionário, então ela jamais se entende estabelecida uma vez por todas. Consoante o processo evolucionário, o princípio cosmogênico e o de indeterminação quântica, ela é dinâmica, está implicada numa ordem de não-equilíbrio que busca sempre formas de adaptação novas. Esta busca de sintonia com a dinâmica das coisas e a atitude de abertura e de atenção às mudanças, fundam a ética em distinção da moral.

O que se pede hoje não é tanto uma moral, mas uma ética, vale dizer, uma atenção às mudanças e a capacidade de adaptar-se àquilo que deve ser em cada momento. E o que deve ser hoje é a salvaguarda do planeta e de todos os seus sistemas, a defesa e a promoção da vida a partir

daquelas mais ameaçadas. Dois princípios dão forma a esta ética: o princípio responsabilidade e o princípio compaixão.

Hans Jonas, conhecido filósofo da ética ecológica, formulou o princípio da responsabilidade neste imperativo ético-ecológico: "Aja de tal maneira que as conseqüências de sua ação reforcem a permanência da autêntica vida humana sobre a Terra". Ou, formulado negativamente: "Aja de tal maneira que as conseqüências de sua ação não sejam destrutivas das futuras condições da vida" (Das Prinzip Verantwortung, Suhrkamp, Frankfurt 1984, 36).

O princípio compaixão está presente nas grandes tradições espirituais da humanidade, no ocidente e no oriente, nos povos originários e nos povos modernos e nas figuras exemplares de Buda, Laotzé, Chuan-tzu, Isaias, Jesus Cristo, S. Francisco de Assis, Schoppenhauer, Albert Schweitzer, Gandhi, o cacique Seattle e Chico Mendes. Aí está presente a ética da compaixão universal, associada com a da responsabilidade. Ela intenciona a solidariedade e a veneração entre todos os seres e não as vantagens humanas.

O princípio norteador da ética da compaixão é: "bom é tudo o que conserva e promove todos os seres em seu equilíbrio dinâmico, especialmente os vivos e, dentre os vivos, os mais fracos e ameaçados; mau é tudo o que prejudica e faz desaparecer os seres ou destrói as condições de sua reprodução e desenvolvimento". Ou como o formulou sucintamente Albert Schweitzer: "Ética significa a ilimitada responsabilidade por tudo o que existe e vive".

O bem supremo reside na integridade da comunidade terrestre e cósmica, nesta fase evolucionária, entregue à responsabilidade humana. O ser humano vive eticamente quando mantém o equilíbrio dinâmico de todas as coisas, quando, para preservá-lo, se mostra capaz de impor limites aos seus próprios desejos. Ele não é apenas um ser de desejos. Somente o desejo o tornaria antropocêntrico e mimético. Ele é também e fundamentalmente um ser de solidariedade e de comunhão. Quando reforça estas dimensões, entra em sintonia com a dinâmica universal, cumpre sua missão cósmica de zelador, cantador e anjo da guarda de todo o criado. Então realiza sua dimensão ética.

7. A força curativa da ecologia interior

A política e a técnica estão submetidas à ética e a ética por sua vez demanda uma espiritualidade e uma mística. Caso contrário a ética se transforma numa moral da ordem alcançada e estabelecida e decai facilmente para o moralismo. Quando nos referimos à espiritualidade e à mística, apontamos para aquelas visões globais que fundam convicções poderosas que nos dão a força e o entusiasmo interior para definir um sentido para a vida e encontrar um significado para o inteiro universo. Só uma mística e uma espiritualidade sustentam a esperança para além de qualquer crise e mesmo face a uma eventual catástrofe do sistema-Terra (cf. Boff, L., *Frei Betto, Mística e Espiritualidade*, Rocco, Rio de Janeiro 1994).

A nossa relação para com a Terra, pelo menos nos últimos 400 anos, está baseada em falsas premissas éticas e num profundo vazio espiritual: antropocentrismo, negação da autonomia relativa dos seres, dominação da Terra, depredação de seus recursos, descaso pela profundidade espiritual do universo. Tais premissas produziram o atual estado patológico da Terra. Este estado repercute na psiqué humana que se mostra igualmente doentia.

Assim como existe uma ecologia exterior - ecossistemas em equilíbrio/desequilíbrio, atmosfera, hidrosfera, biosfera etc -, existe também uma ecologia interior - forças de solidariedade, estruturas de re-ligação e vontade de amorização junto com a vontade de poder/dominação, instintos de agressão, estruturas de exclusão que levam a depredação na natureza e maus tratos às pessoas, animais e plantas. Ambas as ecologias estão ligadas umbilicalmente. Como refletimos anteriormente, o universo possui interioridade. Mais que um amontoado de objetos compostos pelos 100 elementos da natureza, ele é uma comunhão de sujeitos que entretêm laços de intimidade e organicidade entre si.

A partir da ecologia interior, a Terra, os seres todos e o universo deixam de ser entidades neutras, seguindo indiferentemente seu curso. Elas falam, brilham, evocam, entusiasmam, apavoram e participam do drama humano. Bem o expressava o tango argentino: "yo no le canto a la luna por que brilla y nada más. Yo le canto a la luna, por que sabe de mi largo

caminar". A lua, o sol, as árvores, as montanhas, as florestas e os animais vivem em nós como figuras e símbolos carregados de emoção. As experiências benfazejas ou traumáticas que os seres humanos fizeram com estas realidades deixaram marcas profundas na psiqué. Mostram-se como arquétipos que são indicações de comportamentos possíveis, focos de energia interior que nos orientam nas muitas relações que se tecem na dialogação com o mundo.

Tais arquétipos fundam uma verdadeira arqueologia interior, cujo código de decifração constituiu uma das grandes conquistas intelectuais do século XX com Freud, Jung, Adler, Lacan, Hillmann e outros. No mais profundo, consoante C.G. Jung, brilha o arquétipo do Absoluto. Ninguém melhor que Viktor E. Frankl trabalhou esta dimensão que ele chama de inconsciente espiritual (cf. *La presencia ignorada de Dios*, Herder, Barcelona 1988, 21-32).

Esse inconsciente espiritual, em último termo, é expressão da própria espiritualidade da Terra e do universo. É por ele que emergem no ser humano as atitudes mais afinadas com a solidariedade e o equilíbrio dinâmico entre todas as coisas.

É essa profundidade espiritual que nos faz entender, por exemplo, esta exemplar atitude ecológica dos indígenas Sioux dos USA. Eles apreciam em algumas festas rituais se deleitar com certo tipo de feijão. Ele cresce fundo no solo e é de difícil colheita. Que fazem os Sioux? Aproveitam-se então dos estoques que uma espécie de rato das pradarias da região faz para seu consumo no inverno. Sem essa reserva os ratos correriam sério risco de morrer de fome. Ao tomar seus feijões, os indígenas Sioux têm clara consciência de que estão rompendo com a solidariedade com o irmão rato e que o estão roubando. Por isso antes de retirar os feijões da reserva, fazem impressionante oração: "Tu, ratinho, que és sagrado, tem misericórdia de mim e ajuda-me. Eu te peço fervorosamente. Tu és, na verdade pequeno, mas o grande suficiente para ocupares o teu lugar no mundo. Tu és, sim, fraco, mas o forte suficiente para fazeres o teu trabalho, pois forças sagradas se comunicam contigo. Tu és também sábio, pois a sabedoria das forças sagradas sempre te acompanha. Que eu possa ser também sábio em meu coração. Se a sabedoria sagrada me dirige, então

esta vida sombria e confusa será transformada em permanente luz". E como sinal de sabedoria e de solidariedade, ao retirar o feijão, deixa em seu lugar porções de toucinho e de milho para a alimentação invernal do rato. (cf. Müller, *Geliebte Erde*, Bonn 1972, 7-9). Os Sioux sentem-se unidos espiritualmente com os ratos da pradaria, o que os leva a manter a solidariedade básica e viver em sinergia universal.

Esse senso espiritual urge acordar das cinzas do nosso inconsciente e consciente coletivo. Os sistemas ideológicos e políticos que nos dominam são fruto do espírito mecanicista da modernidade. Especialmente o sistema social imperante hoje no mundo, o neo-liberalismo com sua democracia formal, cria as subjetividades coletivas consoante os valores e ideais que lhe convém. Como é um sistema assentado sobre o ter e a acumulação de bens materiais, incentiva poderosamente as necessidades de ter e de subsistir do ser humano, recalçando dimensões mais fundamentais como aquela de ser e de crescer.

Introjeta-lhe pelos meios de comunicação símbolos e proclamas poderosos de que a vida não tem sentido sem a posse de certo número de bens materiais e de certos símbolos de prestígio e de poder. Favorece o individualismo e a mentalidade de competição, fragmentando a psiqué com categorias de amigo/inimigo e fazendo das outras pessoas eventuais concorrentes e obstáculos à sua realização individual. Nega, dissimula ou aliena a outra necessidade mais fundamental do ser humano, a de ser e a de elaborar a sua própria singularidade. Esta necessidade de ser demanda liberdade e criatividade, capacidade de opor-se eventualmente às convenções e ao sistema de valores dominante, exige coragem de abrir caminhos novos, pessoais e por isso, realizadores. A partir da necessidade de ser, a pessoa pode integrar a necessidade de ter, sem sucumbir ao feitiço de seu encantamento, pode compreender o significado do dinheiro e dos bens materiais sem cair sob sua obsessão, fazendo-os conscientemente mediações para a vida e para a solidariedade. Bem observava o cacique Seattle: "quando a última árvore for abatida, quando o último rio for envenenado, quando o último peixe for capturado, somente então nos daremos conta de que não se pode comer dinheiro".

A ecologia da mente, também chamada de ecologia profunda procu-

ra despertar nas pessoas sua capacidade de escuta. O universo inteiro e cada ser, por minúsculo que seja, estão carregados de história. Eles podem contar sua trajetória e entregar sua mensagem que fala da grandiosidade e majestade do criado. Missão do ser humano, homem e mulher, consiste em decifrar esta mensagem e poder celebrá-la. A ecologia da mente ou profunda procura alimentar aquelas energias psíquicas que reforçam a aliança de fraternidade e sororidade entre o ser humano com o universo. Ela acorda o xamã que mora escondido dentro de cada pessoa. E como todo xamã assim também cada um pode entrar em diálogo com as energias que trabalham na construção do cosmos há quinze bilhões de anos e que em nós se manifestam na forma de intuições, sonhos e visões e pelo encantamento face à natureza.

Sem uma revolução espiritual será impossível inaugurarmos o novo paradigma da re-ligação (cf. Fernández Pérez, M., *La convergência científico-mística como alternativa al "orden" mundial vigente*, em Vv. Aa. *Cristianismo, justicia y ecologia*, Nueva Utopia, Madrid 1994, 103-127). A nova aliança encontra suas raízes e o lugar de sua verificação na profundidade da mente humana. É lá que começa a se refazer o elo perdido que reconstitui a cadeia dos seres e a imensa comunidade cósmica. Este elo da cadeia está ancorado no sagrado e em Deus, alfa e ômega do princípio de auto-organização do universo. É aqui que todo sentimento de re-ligação encontra alento, é aqui que a dignidade da Terra encontra permanentemente suas razões.

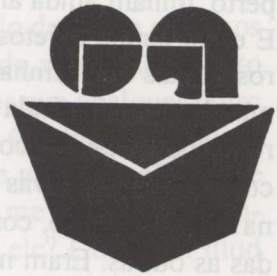
8. Conclusão: o advento de Deus na era ecológica

As idéias somente ganham força e se fazem historicamente verdadeiras (se verificam) quando se transformam em experiências. A nova sensibilidade para com a Terra, fundando uma centralidade singular, permite uma experiência específica de Deus. Ele se dá no universo, através da natureza, mediante cada detalhe que se articula no interior de um todo orgânico que possui exterioridade e interioridade.

Um moderna legenda espiritual nos dá a densidade desta nova experiência de Deus.

Era uma vez um militante religioso do movimento Greenpeace que foi visitado em sonho pelo Cristo ressuscitado. Este o convidou para caminharem juntos pelo jardim. O militante aceitou com pleno entusiasmo e curiosidade. Depois de andarem por longo tempo, admirando a biodiversidade presente naquele recanto, observando, encantados, a luz que se filtrava por entre as folhas, perguntou o militante do Greenpeace: "Senhor, quando andavas pelos caminhos da Palestina, disseste, certa feita, que voltarias um dia com toda a tua pompa e com toda a tua glória. Está demorando tanto esta tua vinda! Quando, finalmente, retornarás de verdade, Senhor?" Depois de momentos de silêncio que pareciam uma eternidade, o Senhor respondeu: "Meu irmão, quando minha presença no universo e na natureza for tão evidente quanto a luz que ilumina este jardim, quando minha presença sob a tua pele e no teu coração for tão real quanto a minha presença aqui e agora, quando esta minha presença se tornar corpo e sangue em ti a ponto de não mais precisares pensar nela, quando estiveres tão imbuído desta verdade que não mais careceres de perguntar com curiosidade, como perguntaste há pouco, então, meu irmão querido, eu terei retornado com toda a minha pompa e com toda a minha glória". Amém.

*Este texto é um capítulo do livro **Dignitas terrae. Ecologia, grito da Terra, grito dos pobres** publicado pela Atica, S. Paulo, 1995, com pequenas modificações e acréscimos.*



Crônica

A GAIA SENSIBILIDADE

Maurício Abdalla Guerrieri *

Era uma vez uma pequena fumacinha. Quer dizer, nesta vez que era, o grande e o pequeno não eram como hoje. Talvez, para hoje, a fumacinha fosse exageradamente grandiosa e infinitamente volumosa. Mas, era uma vez uma fumaça que saiu de uma grande explosão. Era, naquela vez, um monte de fumacinhas. Na verdade, nesta vez era uma infinidade de luzes, gases, energia, quarks, elétrons, mésons, prótons, múons, nêutrons, fótons, neutrinos, glúons, enfim... Era uma vez uma confusão tremenda!

Esta confusão estava em movimento e deste movimento iam surgindo luzes, explosões, buracos e pedaços de matéria que circulavam em torno de outros pedaços, uns luminosos, outros absolutamente escuros e outros que brilhavam refletindo a luz de vizinhos. Sob um fundo escuro, bilhões de aglomerados luminosos se afastavam uns dos outros. Dentro destes aglomerados, outros bilhões de luzinhas brilhavam e a tal fumacinha navegava por entre os diminutos luzeiros.

Quer dizer, vistos mais de perto, estes luzeiros não eram tão diminutos assim. Eram imensos e ao redor deles giravam algumas bolas rocho-

* Professor de Filosofia, cronista dos Cadernos de Fé & Política

sas que refletiam suas luzes. Estas bolas rochosas, vistas também mais de perto, tinham ainda algumas bolinhas circundantes. Tudo era movimento. E eram tantos objetos, tantas luzes, tantas bolinhas girando, tantos luzeiros, tantas fumacinhas... Mas entre elas algo curioso acontecia. Aproximando-se mais ainda destas bolas que giravam em torno de tantos luzeiros, poder-se-ia encontrar um conjunto peculiar de nove bolas, muitas com suas respectivas bolinhas orbitantes, girando em torno de uma bolona em combustão, com seu amarelo incandescente lançando luz sobre todas as outras. Eram nove bolas. Tinham vários tamanhos e diferentes cores. Uma delas estava ficando levemente azulada.

— Psiu! Acorda! A nossa colega aqui deve estar passando mal. Está ficando azul.

— Ih! Que gozado... Ih! Ih! Ih!

— Minha filha, o que você está sentindo?

— Sei lá... — A bolinha azul arrotou — acho que "é" gases.

Uma outra vermelhinha da ponta, próxima à bolona em chamas resmungou:

— Vocês estão preocupados com ela? Imagina eu aqui neste calor infernal!

— E eu — gritou a última do outro extremo — estou congelando de frio.

— E eu aqui, presa nestes anéis. Às vezes eles me sufocam.

— Ai! Ih! Ih! Ih! Uh! Uh! Parece que tem uns bichos fazendo cócegas em mim — riu a azulzinha.

— Iiii... O caso é grave...

— Olha lá! — gritou a mais próxima da azul — Dá pra ver os bichos daqui! Credo! Que monte! Eles andam para lá e para cá, comem pedaços dela... Ih! Um comeu o outro agora...

— Mas dá uma sensação gostosa...

— É, minha filha, mas isso pode ser grave. Se fosse normal, todas nós teríamos. Temos que resolver isso.

— Não, deixa meus bichinhos quietos.

— Eu, hein! Sabe lá se isso pega! Vamos dar um jeito nisso agora.

Dizendo isso, a bola rochosa vizinha da azul soprou uma pedra enorme que ia passando e desviou o seu rumo para fazê-la chocar-se contra a suposta enferma. A pedrona deslocou-se a uma enorme velocidade e atingiu em cheio a bola azul, provocando em grande tremor ao redor. Uma nuvem de gases e poeira foi expelida e envolveu toda a superfície da bola. Sua cor transmutou-se de azul para cinza amarronzado. A bola, então, adormeceu profundamente e seus bichinhos todos pereceram.

— O remédio é forte mas cura — comentou a triunfante vizinha. E todas voltaram novamente a repetir o seu movimento giratório elíptico e monótono ao redor da bolona amarela flamejante. No mais absoluto silêncio.



Tudo era movimento naquela imensidão composta de fumaças, bolas rochosas, luzes, escuridão, aglomerados de matéria, luzeiros e explosões. Cada vez mais os aglomerados distanciavam-se uns dos outros e explosões enormes, embora inaudíveis, iam acontecendo. Mas algo novamente ocorreu naquele aglomerado imenso que possuía um grupo de nove bolas rochosas que giravam em torno de uma bolona amarela em chamas, e algumas com outras bolinhas orbitantes. A bola azul, que agora estava cinza, deu um suspiro. A fumaça cinza amarronzada estava se dissipando rapidamente e o azul lentamente começava a reaparecer.

— Ê-ê... Gente, acorda! Acho que a nossa vizinha está tendo aquele troço de novo!

— Mas que ziquizira! O troço vai e volta. Acho que isso não tem jeito não.

— Por que vocês não me deixam em paz e vamos ver o que pode acontecer — reclamou a bola azul. De repente não é nada. Me larga um pouco!

— Bom, se é assim que você quer, tudo bem. Nós vamos só observar. Mas que você está ficando cada vez mais azul, lá isso está.

E voltaram a girar em elipses diferenciadas, cada uma no seu tempo, silenciosamente. A bola azul agora chegava a brilhar com sua cor. Na sua superfície, vista bem de perto, pequenos seres se movimentavam, bem menores que os bichos anteriores, mas com muito mais dinâmica e criatividade. Uns deles viviam nas árvores e movimentavam-se com grande agilidade, utilizando os seus quatro membros. Mais um tempo, estes passaram a andar sobre a crosta da bola, esquecendo-se das árvores, habitando em cavernas quentinhas e ensaiando movimentos sem o uso dos membros superiores, ocupados que estes estavam com bugigangas de diversos tipos. Mais um pouco, tornaram-se bípedes e foram construindo muitas coisas sobre a superfície da bola azul.

Sob o manto negro de fundo, as bolas giravam. Uma delas, a que ficava mais próxima da azul, reparou:

— A gente não falou que o negócio era sério! Daqui eu estou vendo que você tá ficando toda empolada.

— Não há problema, eu estou me sentindo muito bem assim. Aliás, eu não tinha reparado, mas vocês são tão bonitas!

— São o quê, minha filha? — perguntou a vizinha mais distante.

— Bonitas. Vocês também são brilhosas e compõem um conjunto que traz beleza.

Esta mesma vizinha, a que tinha soprado a pedra curativa, lamentou-se:

— Eu sabia que este azulado e estes bichos iam fazer mal à cabeça também...

— Que nada, Marte, eu estou me sentindo melhor do que nunca...

— Que palavra foi esta que você disse?

— Marte. É seu nome. Esta do meu lado é Vênus...

— Êh! Sai pra lá!

— Aquele mais perto do Sol é Mercúrio...

— Quem, eu?!

— E atrás de você estão Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão. Aliás, são lindos estes seus anéis, Saturno. Os seus também não ficam muito atrás — emendou dirigindo a palavra a Urano.

— Eu prefiro congelar do que ter esses ataques de loucura — sussurrou Plutão, com o assentimento de Netuno.

— E você, tem isso também (ééé... nome)? — perguntou Vênus, com um ar de interessada.

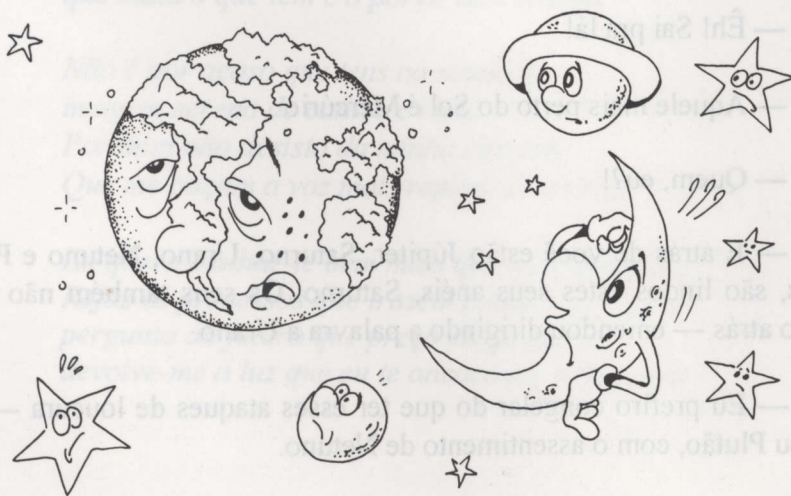
— Terra! Eu sou Terra. Mas pode me chamar de Gaia também.

— Eu estou tendo uma sensação gostosa também — comentou Vênus baixinho —, parece que estou sendo cortejada... Ih! Ih!...

— E está. São estes meus bichinhos os culpados disso tudo...

— Eu não falei! — gritou Marte — Mantenha esses bichinhos bem longe de mim!

Gaia ia circulando e apreciando uma sensação que jamais havia experimentado: um profundo bem-estar interior e uma admiração contemplativa pelas coisas do universo e que se expandia pelo infinito à sua volta. Foi dando nome a tudo, enquanto era seguida pela Lua, que girava ao seu redor, e por Vênus, que apreciava as transformações ocorridas em sua vizinha. Os outros planetas, como Gaia os chamava impessoalmente, apenas giravam e resmungavam, vez por outra, uma ou outra coisa. O planeta azul ia ficando cada vez mais empolado pela ação de seus bichinhos.



Com o tempo, também os outros planetas, o Sol, a Lua, os corpos celestes de fora do Sistema Solar foram sendo contagiados pela febre que envolvia a Terra. É claro que não com a intensidade da infecção de Gaia, mas também iam ficando menos frios e seus movimentos, embora os mesmos, passaram a ser menos monótonos. A Lua foi contagiada diretamente, com a presença dos microorganismos bípedes que preenchiam a Terra. Vênus era só vaidade e os cometas e asteróides atrasavam sua órbita ao passar pelas cercanias de Gaia para experimentar o calor de serem apreciados. Uns não resistiam e se atiravam de encontro à Terra, indo morar com ela pela eternidade.

Mas seus vizinhos ainda mantinham suspeitas. Marte, mesmo passando por modificações, não aceitava a idéia de que aquilo não era uma doença funesta e sempre evitava as influências e o assédio de Gaia. E acabou tendo razões para isso. A empolgação da Terra crescia e a cor azul estava mudando levemente. Parecia estar desbotando. Vênus foi a primeira a notar, mas o entusiasmo de Gaia não permitiu que ela percebesse isso. A Lua ousou dizer a sua suserana que, gozando do privilégio da proximidade, podia ver que suas modificações estavam sendo muito profundas e que temia pela sua saúde. Mesmo reconhecendo isso, o planeta azul disse que tinha muita saúde e ainda muita vida pela frente, e que pensaria nisso mais tarde.

Todos os outros planetas advertiam Gaia do risco de uma morte instantânea, mas esta, como que embriagada, ria e lançava seus bichinhos em direção aos planetas vizinhos. Sondas, foguetes, satélites, ônibus espaciais pululavam da Terra e dirigiam-se ameaçadores a seus vizinhos.

— Iiirc! Joga esses bichos para lá! — gritava Marte.

— Aqui eu não aceito ninguém! — gritavam outros.

Enquanto isso, a cor da Terra ia mudando rapidamente e ela demonstrava sinais visíveis de fraqueza. A empolgação havia atingido limites não suportáveis e Gaia começava a definhar. Acometida por um calor insuportável e por uma secura causticante, sua pele começava a se enrugar.

De repente, um ataque de dispnéia. Começava a faltar-lhe ar respirável. Só então Gaia deu-se conta do risco que corria. Foi aí que ela — após contemplar os confins do universo circundante, de ter dado nome a tudo, de ter concedido som às vibrações, cor aos reflexos luminosos, beleza ao que simplesmente era e de encerrar em seu bojo um sopro chamado vida — percebeu que precisava contemplar a si mesma, pois estava muito doente. Nos estertores de morte, a Terra percebeu que ninguém podia ajudá-la. Nenhum dos vizinhos e nenhum outro astro distante, visto que até então não se tinham ouvido ecos de suas mensagens em nenhuma outra parte do universo alcançável. Dela dependia a vida de tudo ao redor. Dela, agora, dependia a sua própria vida.

— Acho que outra pedra curativa resolve — sugeriu Marte.

— Não! — gritou Gaia. Mas hesitou — se bem que... Talvez... Quer dizer, pensando bem...

— Deve haver um outro jeito, Gaia — Vênus era quem encorajava —, você sabe tantas coisas.

— Mas não consigo saber como! Só sei que estou morrendo. Eu sei isso.

— Desculpe-me, senhora — disse humildemente a Lua com seu ar de eterna apaixonada —, mas acredito, pela insigne sabedoria que emana de ti, ó ama, e da qual sou digna de tocar as fimbrias, que isso não é uma questão de *saber* ou *não saber*. Eu *sinto* o que tu *sabes*, e de ti tenho compaixão. Mas não tenho a necessária sapiência para de ti cuidar.

— Poesias em meu leito de morte, cara Lua?

— Assim como reflito a luz do Sol e contribuo humildemente para vencer as trevas de tua noite, minha senhora, gostaria que considerasses o que chamas de poesia como um contributo a tua própria sabedoria. Creio ser esta a minha única contribuição e temo que não a recebas em teu imensurável saber. Mas, vejam só! Eu aqui a dar con-

selhos a quem domina o universo! Perdão, senhora, recolher-me-ei ao meu oportuno silêncio.

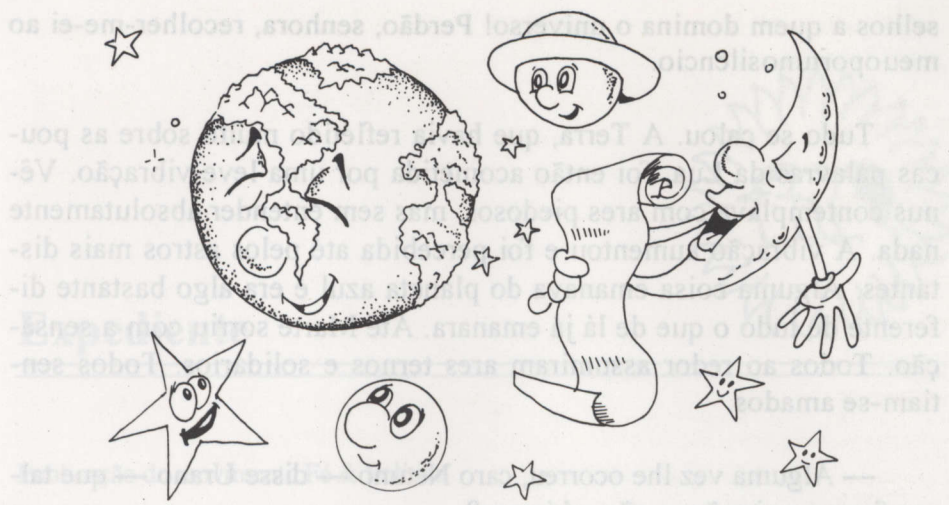
Tudo se calou. A Terra, que havia refletido muito sobre as poucas palavras da Lua, foi então acometida por uma leve vibração. Vênus contemplava com ares piedosos, mas sem entender absolutamente nada. A vibração aumentou e foi percebida até pelos astros mais distantes. Alguma coisa emanava do planeta azul e era algo bastante diferente de tudo o que de lá já emanara. Até Marte sorriu com a sensação. Todos ao redor assumiram ares ternos e solidários. Todos sentiam-se amados.

— Alguma vez lhe ocorreu, caro Netuno — disse Urano — que talvez fossemos irmãos e não sabíamos?

Netuno sorriu pensativo. Marte sentia vontade de abraçar a Terra, mas sabia dos danos que poderia provocar. Gaia não sentiu mais a sensação de domínio que outrora experimentara. Saturno queria distribuir seus anéis e passou a chamá-los de alianças. Os bichinhos que habitavam Gaia passaram a desempolar um pouco sua superfície e festejavam a vida e a unidade de tudo e todos. Lá dentro, ao redor de Gaia, todos viviam a unidade no sentimento e não havia mais focos cancerígenos e células mortas por falta de alimentos ou de condições biológicas para a vida.

A Terra voltava a ser azul e brilhava mais que nunca. Todo o universo comemorava a fantástica descoberta da unidade e suas partes se surpreenderam com a idéia, agora manifesta, de que eram todas irmãs. Gaia agora sentia. Sentia-se sagrada, como sagrado era todo o universo da qual fazia parte. Lançou um sorriso agradecido à Lua, que fechou-lhe os olhos reverentemente.

Foi neste momento, em meio à festa cósmica da unidade e da irmandade, que o universo, definitivamente, conheceu Deus.



vez fossem irmãos e não sapiamos?

— Uma vez lhe ocorreu a ideia de fazer um planeta — pergunta.

— Não sei dizer. Talvez eu tenha pensado em fazer um planeta com um sistema solar semelhante ao nosso, mas não sei dizer se isso é possível. Talvez eu tenha pensado em fazer um planeta com um sistema solar semelhante ao nosso, mas não sei dizer se isso é possível.

— Talvez eu tenha pensado em fazer um planeta com um sistema solar semelhante ao nosso, mas não sei dizer se isso é possível.

— Talvez eu tenha pensado em fazer um planeta com um sistema solar semelhante ao nosso, mas não sei dizer se isso é possível.

A Terra voltava a ser azul e brilhava mais que nunca. Todo o universo comemorava a fantástica descoberta da unidade e suas partes se reuniram com a ideia, agora manifesta, de que eram todas irmãs. Gaius agora sentia. Sentia-se agitado, como agitado era todo o universo da qual fazia parte. Lançou um sorriso satisfeito à Lua, que fechou-lhe os olhos reverentemente.

Foi neste momento, em meio à festa cósmica da unidade e da fraternidade, que o universo, definitivamente, conheceu Deus.

Alexandre C. A. Almeida

Reprodução: Gráfica Lata, São Paulo, 1968

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 01

- Princípios do Movimento Fé & Política
- Memória do Seminário sobre Fé & Política / Maristela e Juninho
- Da mística e da Política / Fr. Betto
- A Igreja dos Pobres e a Atividade Político-partidária / Pedro A. Ribeiro de Oliveira
- Conselhos Populares e Administração Petista em Campi- nas / Ricardo Galleta

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 02

- Qual a Contribuição dos Militantes Cristãos na Política Partidária? / Leonardo Boff e Márcia Miranda
- Repensando a Questão da Articulação dos Militantes Cris- tãos / Clodovis Boff
- Os Militantes Cristãos às Estruturas do Poder e do Saber / Leonardo Boff, José Américo Lacerda Júnior e Adair Rocha
- Classes Populares, Movimentos Populares e Construção da História / Ivo Lesbaupin

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 03

- A Política como Liturgia / Waldemar Boff
- Relações sobre Fé e Política à Luz de Spinosa / Marcos Arruda
- Contradições Polonesas / Lúcia Ribeiro
- Um Projeto de Vaticano para a América Latina? / Leonar- do Boff

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 04

- Il Seminário sobre Fé & Política / Sinivaldo S. Tavares
- Fim do Socialismo? / Ivo Lesbaupin
- O Fracasso do Socialismo Alemão e os Desafios à Es- querda / Fr. Betto
- O que aconteceu com a Nicarágua Sandinista? / Marcos Arruda
- Contribuição ao Debate sobre "Estado e Sociedade" / Isa- bel Assis R. de Oliveira

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 05

- Militância e Crise de Subjetividade / Paulo Fernando de Andrade
- Marxismo Cotidiano e Subjetividade/ Cláudio Nascimento
- De como Fazer Política sem Perder a Alegria de Viver / Cristóvão Pereira
- A Técnica Aniquilará o Ideal Socialista? / Rogério Valle
- A Importância dos Oprimidos para a nova Sociedade e a Nova Igreja / Leonardo Boff

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 06

- Relatório do Retiro e Assembléia do MF&P ---- Capão Re- dondo (SP), maio de 1992 / Pedro A. Ribeiro de Oliveira
- Rumo a uma Democracia Ecológico-social / Leonardo Boff
- Democracia na Igreja Católica? / Pedro A. Ribeiro de Oli- veira
- Democracia e Forças Armadas no Brasil / Sérgio Munilo Pinto
- Espaço Eclesial e Espaço Político - reflexões de um cris- tião / Celso Pinto Canas
- Em destaque com exclusividade: Entrevista a Lula por Frei Betto; Entrevista ao sindicalista Tarcisio Secooli por Pe. Luciano Marine

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 07

- Mercado, comunidade e Religião / Pedro A. Ribeiro de Oliveira
- Capitalismo, Desenvolvimento e Justiça / Paul Singer
- Cuba e o Dom da Vida / Frei Betto
- Direitos Humanos a partir da Nova Cosmologia / Leonar- do Boff
- Ser Parlamentar e Ser Cristão / Selvino Heck
- Relatório da Assembléia e Retiro do MF&P - Alto da Boa Vis-

ta (RJ), março de 1992 / Cláudio Vereza

---- Crônica: Do céu vê-se tudo / Maurício Abdalla Guerrieri

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 08

- Em Defesa da Vida e dos Povos - Documento Final da Conferência Internacional Terra, Ecologia e Direitos Hum- anos / Vitória (ES), 24 a 28 de maio de 1992
- Movimento Nacional dos Direitos Humanos: 10 Anos de Vida / Márcia M. Miranda
- A Essência da Idéia de Democracia - Abordagem Biológi- ca / Pierre Teilhard Chardin
- Boff, Estamos com Você! / Maristela Barenco Corrêa de Mello
- Ecologia, Justiça e Espiritualidade - Relatório do Encontro Nacional do movimento Fé & Espiritualidade - Relatório do Encontro Nacional do movimento Fé e Política, 23 a 25 de novembro de 1991, Capão Redondo (SP) / Carlos Eduardo de Souza Leite (CAÊ)
- Crônica: Humanos Tramos Vaticana / Maurício Abdalla Guerrieri
- Fé & Política em Miúdo / Fr. Cristóvão Pereira

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 09

- Alimentar Nossa Mística / Leonardo Boff
- A Mística da Militância em Tempo de Crise / Marcos Arru- da
- Caminhos da Mística / Fr. Betto
- Para uma Pedagogia do Excluído / Waldemar Boff
- Fé & Política na Bíblia / Francisco Orofino
- Crônica: Morte e Vida Militante / Maurício Abdalla Guerrie- ri

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 10

- O Cristianismo Ajuda a Humanidade a Sair Bem do século XX? / Leonardo Boff
- Se a Igreja não Mudar de Modelo, será Abandonada pe- las Massas / José Comblin
- Nova Ordem mundial, Sociedade Civil e Educação no Brasil / Victor Vicent Valla
- A Esquerda, o Cotidiano e a história / Ricardo Galleta
- Micropolíticas de Saúde Comunitária / Waldemar Boff

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 11

- Reorientar Nossas Esperanças / Bastiaan Wielenga
- A Dimensão Cultural do Socialismo / Michael Löwy
- A Imagem de Deus e a Ordem Social / Samuel Rayan, s.j.
- A Mundialização da Economia / François Houtart
- Crônica: A Dialética Contra a Apoplética / Maurício Abdal- la Guerrieri

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 12

- A Educação Popular Libertadora na Construção de uma Alternativa de Civilização / Giulio Girardi
- Ideias Provocadoras Sobre o Socialismo Hoje / Adolfo Abascal-Jaen
- O Encarceramento Científico do Marxismo / Rubén Dri
- Educação e Desenvolvimento na Perspectiva da Demo- cracia Integral / Leonardo Boff e Marcos Arruda
- A Reforma Agrária e Fome / João Pedro Stedile
- Começar de Novo / Frei Betto

CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA Nº 13

- Crise Global, Alternativas Históricas e Oposição Pluralista / Luiz Alberto Gómez de Souza
- Neoliberalismo e Religião / Jung Mo Sung
- Mundialização, Exclusão e Conciliação: Desafios da Con- juntura / Pedro A. Ribeiro de Oliveira
- A Destituição de Dom Jacques Gaillet, Bispo de Evreux / François Houtart
- Crônica: Peregrinos de Emaús / Maurício Abdalla Guerrie- ri

PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO FÉ E POLÍTICA

Existem atualmente no Brasil inúmeras pessoas que, inspiradas na mensagem evangélica, atuam em movimentos populares, em sindicatos ou em partidos políticos. Algumas destas pessoas se reúnem em grupos informais de reflexão, de celebração, de aprofundamento. A maioria, porém, se sente isolada, e sente falta de meios de reflexão para a sua prática. É neste contexto que surge o *Movimento Fé e Política*.

O Movimento Fé e Política é um movimento ecumênico, não-confessional e não-partidário. Ele está aberto para todas as pessoas que consideram a política como campo preferencial da vivência de sua fé e que consideram a fé como fundamento último de sua utopia política.

O Movimento tem como objetivo fazer avançar a reflexão política e a vida espiritual daqueles que estão comprometidos com uma prática política e social. Trata-se daqueles que, atuando em movimentos sociais, organizações populares ou partidos políticos, assumem a causa dos pobres e dos oprimidos; que conferem prioridade à conscientização e organização popular de base; que recusam a manipulação das bases e rejeitam qualquer vanguardismo; que afirmam as classes populares como sujeito da sua história, na construção de uma sociedade democrática e socialista.

O Movimento Fé e Política pretende ser um veículo de formação e de informação sobre questões de política, cultura, ética e espiritualidade. Ele pretende reforçar e estimular a experiência dos grupos de reflexão, celebração e aprofundamento.

*Rio, de Janeiro, 24 de junho de 1989.
Festa de S. João*